

## Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

### A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 05 | Luiz Vadico: O “Cristo da Fé” e o “Cristo Cinemático”. As imagens de Jesus no cinema

PÁGINA 09 | Yara Caznok: A respiração tornada melodia. O canto pascal

PÁGINA 12 | Evaristo Eduardo Miranda: As águas e a sede do humano pela sua humanidade e divindade

PÁGINA 15 | Ione Buyst: Cosmos. O sacramento primordial. Os símbolos da luz e da água

PÁGINA 18 | Leomar Brustolin: A Páscoa e a humanização do mundo

PÁGINA 21 | Hans Küng: O que significa e o que não significa “ressurreição”

PÁGINA 23 | Antonio Cechin: “Um mundo novo é possível porque Jesus Ressuscitou e caminha conosco”

PÁGINA 24 | Reportagem: Celebrar a Páscoa contemporânea

### B. Destaques da semana

» Memória

PÁGINA 28 | Zildo Rocha: Hélder Câmara: o Dom

PÁGINA 31 | José de Broucker: Dom Hélder Câmara: místico, fraternal, servidor fiel

» Entrevista da Semana

PÁGINA 33 | Chico Lopes: Polifonia atual: 130 anos de *Os irmãos Karamázov*, de Dostoiévski

» Livro da Semana

PÁGINA 36 | José Luís Fiori: O mito do colapso do poder americano

» Brasil em Foco

PÁGINA 39 | Walden Bello: Desglobalização para uma nova economia mundial

» Destaques On-Line

PÁGINA 42 | Destaques On-Line

### C. IHU em Revista

» Perfil Popular

PÁGINA 44 | Nelson da Silva

» IHU Repórter

PÁGINA 46 | Guacira Loreliz Motta e Silva Kessler



UNISINOS



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

IHU **ON-LINE**

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

## O “Cristo da Fé” e o “Cristo Cinemático”. As imagens de Jesus no cinemas

Migração da arte pictórica para as telas, as alterações que a representação de Cristo sofreu em diferentes produções cinematográficas e o sentido da Páscoa são analisados pelo historiador Luiz Vadico

POR GRAZIELA WOLFART E MÁRCIA JUNGES | FOTO MOISÉS SBARDELOTTO

**E**xaminar as produções cinematográficas cujo personagem principal é Jesus Cristo. Esse é um dos temas da entrevista a seguir, realizada por e-mail com o historiador Luiz Vadico. Para ele, os filmes *A vida e a Paixão de Cristo – A paixão da Pathé*, *Vida de Cristo – A paixão da Gaumont* e *Da manjedoura à cruz* são os três mais importantes sobre a vida de Cristo no Primeiro Cinema. Segundo ele, “há um fenômeno bastante interessante que ocorre nos filmes de Cristo. Como a história é conhecida e é basicamente a mesma, em geral os produtores e ou diretores conhecem as produções realizadas até o momento em que decidem fazer as suas próprias. Isso faz com que haja um diálogo entre estes diversos filmes, onde ou ocorrem referências ou a experiência dos antecessores é aproveitada”.

Licenciado e bacharelado em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Luiz Vadico possui mestrado e doutorado em Multimeios pela mesma instituição. Atualmente, é professor titular da Universidade Anhembi Morumbi, supervisor do Centro de Estudos do Audiovisual (UAM), e professor de Comunicação, Estética e Cultura de Massa no curso de Extensão em TV para a Televisão Pública de Angola (TPA), em Luanda, Angola. É também membro do Conselho Editorial da Revista *Interatividade* e membro da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (Socine). Além disso, Vadico é também escritor e poeta.

Na programação do evento de Páscoa do Instituto Humanitas Unisinos deste ano, Vadico apresentou três conferências. A primeira, no dia 18 de março, em Porto Alegre, na Usina do Gasômetro, teve como título “Jesus no primeiro Cinema. Estética e Narrativas”. E no dia 19 de março ele falou, na Unisinos, sobre “A paixão de Cristo no primeiro Cinema. Influências Artísticas, estética e narrativa” e sobre o tema “Imaginando o Divino. Representações de Jesus no Cinema”. As três conferências também foram exibidas na Unisinos, dentro da programação Páscoa IHU 2009. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Em termos gerais, como você analisa as adaptações da vida de Cristo pelo cinema?**

**Luiz Antônio Vadico** - É um tanto quanto difícil falar “em termos gerais” sobre as adaptações, pois cada uma delas teve especificidades bastante próprias. Pensar em algo que seja comum a este universo de produção pode causar alguns equívocos de interpretação. No entanto, para atender à questão, acredito que se pode dizer que estes filmes sobre Cristo são, sobretudo, um ponto de encontro entre interesses. O interesse dos produtores em ampliar seus lucros (atraindo um

público que não frequentava o cinema nos primeiros anos de sua história, mulheres e crianças); o dos exibidores (ao poderem abrir as portas dos seus estabelecimentos em dias consagrados ao descanso); o dos religiosos que poderiam ter seu trabalho de catequese ampliado pela utilização dos filmes; e, por último, o interesse do público em participar de um espetáculo que o remetesse às raízes da sua fé.

Neste encontro (e às vezes entrelaço) de interesses, podemos perceber, ao longo do século XX, o esforço realizado pelos empresários do entretenimento para se apropriarem

da imagem de Jesus Cristo. Enquanto ela se mantivesse somente no âmbito religioso ela se manteria “intocada”, distante de adições ou manipulações fora do contexto sacral. No entanto, no processo de adaptar a Vida de Cristo para o Cinema e depois para a TV, tendo em vista as necessidades do meio, a imagem de Jesus Cristo acabou por fim se tornando de “domínio público”.

### Alterações fictícias de Jesus

No início da história do Cinema, Jesus era o Filho de Deus, cuja repre-



sentação por um homem que não fosse de origem divina como ele, poderia ser questionada. Atualmente, Jesus é uma personagem do Cinema, diferente – e talvez até um pouco distante – do Cristo do universo das Igrejas. Ele pode ser apresentado se “casando” (*A última tentação de Cristo*,<sup>1</sup> 1988) ou como um “Clown” (*Godspell*, 1972). Essas alterações fictícias da sua vida e personalidade sempre causarão mal-estar. No entanto, elas só se tornaram possíveis porque os meios de comunicação venceram o embate pela imagem de Jesus Cristo. Mas isso não os tornou donos de “Cristo”, pois um dos resultados importantes deste processo é o fato de que os “fiéis” sabem distinguir bastante bem entre o “Cristo da Fé” e o “Cristo Cinemático”.

Creio que, neste embate entre empresários do entretenimento e religiões institucionalizadas, todos ganhamos de alguma forma. A imagem de Jesus Cristo se tornou ainda mais plural e suas várias representações se tornaram como que um exercício para os fiéis, através do qual ele reconhece o “Cristo” que está mais em conformidade com o seu coração.

**IHU On-Line - Por que considera os filmes *A vida e a Paixão de Cristo - A paixão da Pathé, Vida de Cristo - A paixão da Gaumont e Da manjedoura à cruz* os três mais importantes sobre a vida de Cristo no Primeiro Cinema?**

**Luiz Antônio Vadico - *A Paixão da Pathé*, de 1902/3, dirigida por Ferdinand Zecca<sup>2</sup> e por Lucien Nonguet,<sup>3</sup> importa em primeiro lugar por ter se tratado de um filme que foi realizado a partir de um esquema industrial de produção e distribuição, o que também é uma inovação para a época. O seu grande sucesso permitiu para a Pathé francesa**

<sup>1</sup> *A última tentação de Cristo*: filme dirigido por Martin Scorsese com base no livro de Nikos Kazantzakis. Dentro da programação da Páscoa de 2006, o IHU exibiu esse filme em 25 de março, comentado pela MS. Ana Maria Formoso, na série Jesus no Cinema. Sobre o assunto, confira a entrevista com Formoso na edição 172, de 20-03-2006, intitulada “O Jesus humano de Scorsese”. (Nota da IHU On-Line)

<sup>2</sup> Ferdinand Zecca (1864-1947): cineasta francês contratado por Charles Pathé. (Nota da IHU On-Line)

<sup>3</sup> Lucien Nonguet (1868): cineasta francês. (Nota da IHU On-Line)

um lucro imenso, pois foram vendidas milhares de cópias, coisa que permitiu alavancar a produção de diversos filmes realizados posteriormente. Além disso, o esforço estético ocorrido, e que foi muito apreciado, levou ao surgimento de uma nova produtora, empenhada em produzir obras de alta qualidade, chamada Film d’Art, que marcaria bastante a produção cinematográfica daqueles anos.

**“A imagem de Jesus Cristo se tornou ainda mais plural e suas várias representações se tornaram como que um exercício para os fiéis, através do qual ele reconhece o ‘Cristo’ que está mais em conformidade com o seu coração”**

O sucesso da *Paixão da Pathé* repercutiu não somente na estética, mas também no aumento do custo dos filmes e do tempo de duração das novas produções. Além disso, o filme trazia algumas inovações, como a utilização do movimento de câmera, e já algumas situações fictícias na trama envolvendo Jesus.

#### **Paixão da Gaumont**

*A Paixão da Gaumont*, de 1906, se opõe, em parte, àquela produção, pois esteticamente está propondo uma imagem mais realista dos momentos decisivos da *Paixão de Cristo*. Há uma busca bastante séria em se fazer um adequado contexto histórico e social da vida de Jesus; a sua diretora, Alice

Guy,<sup>4</sup> tem no pintor francês James Tissot<sup>5</sup> seu principal inspirador; principalmente por causa do extenso trabalho de pesquisa e levantamento realizado por ele na Palestina e no Egito. Podemos também sentir a influência de Zecca sobre essa nova produção, pois o mesmo diretor deixou a Pathé, em 1904, e acabou por trabalhar na Gaumont por algum tempo, e sua influência pode ser sentida com bastante clareza nas cenas relativas à Ressurreição de Jesus Cristo.

#### **Da Manjedoura à Cruz**

A estética de Tissot pode ser vista ainda muito mais claramente em *Da manjedoura à cruz*, de 1912, sob a direção de Sidney Olcott<sup>6</sup> – produzido pela Kalem Company –, cujo principal mérito é ter sido o primeiro filme sobre a Vida de Jesus Cristo inteiramente rodado na Palestina.

Mas os fatores que unem as três produções de fato são a estética e o sucesso de vendas e público. *A Paixão da Pathé* foi o primeiro a dar um passo importante, melhorando os cenários, a movimentação em cena e buscando dar espacialidade aos diversos planos; escolheu uma estética mais “naif”, pois as imagens representadas lembravam muito as pinturas de santos nas paredes das igrejas católicas; *A Paixão da Gaumont* se impôs pelo realismo sem ingenuidades, acertando em cheio no gosto do público do início do século XX; e ampliando este quesito, *Da manjedoura à cruz*, faz a suprema proposta de “realismo” ao filmar a Vida de Cristo no lugar onde ela transcorreu.

Acredito que essas razões são suficientes para que possamos compreender a importância e o impacto que estes filmes tiveram sobre a época e sobre a história do desenvolvimento da prática cinematográfica.

#### **IHU On-Line - Como o corpo de Cristo é representado nessas produções?**

<sup>4</sup> Alice Guy-Blaché (1873-1968): cineasta francesa; primeira mulher diretora na indústria cinematográfica. (Nota da IHU On-Line)

<sup>5</sup> James Joseph Jacques Tissot (1836-1902): pintor francês. (Nota da IHU On-Line)

<sup>6</sup> Sidney Olcott (1873-1949): cineasta canadense, diretor, ator e escritor. (Nota da IHU On-Line)

**Luiz Antônio Vadico** - O Corpo de Cristo possui um lugar central em nossa cultura. Então, sempre é de interesse observar como ele vem sendo mostrado e trabalhado nos diversos filmes. Nestas três produções ocorre uma modificação visual importante. Nos filmes de Peça da paixão, que surgiram a partir do ano de 1897, o corpo de Jesus e mesmo o de todos os outros personagens apareciam recobertos por uma espécie de maiô, e sobre ele os atores colocavam as roupas do figurino. No entanto, este maiô de algodão branco acabava por fazer dobras sobre o corpo dos atores, o que resultava em algo pouco elegante. Não sabemos dizer ao certo se eles utilizavam este maiô por uma questão de pudor ou se era para abrigar os atores do frio, pois com a diferença de muitos poucos anos a prática foi abandonada. O primeiro filme em que o corpo de Jesus aparece semidesnudo é *A Paixão da Pathé*, e isso não causou nenhum constrangimento; o mesmo foi feito pelas outras duas produções já citadas anteriormente.

De 1902 até 1912, ocorre um claro progresso na manipulação do Corpo de Cristo, pois num primeiro momento este corpo pode aparecer semi-nu e depois este corpo pode ser flagelado à exaustão, como foi no caso de *Da manjedoura à cruz*. O corpo de Jesus neste período é bem o corpo do sacrifício, o corpo do cordeiro que pode ser sacrificado para retirar os pecados do mundo. A violência aplicada ao extremo sobre o seu corpo só veria real concorrência num período bastante posterior, com *The passion*, de Mel Gibson,<sup>7</sup> 2004.

**IHU On-Line - Em que sentido essas produções influenciaram os filmes que foram feitos posteriormente sobre a vida de Cristo?**

**Luiz Antônio Vadico** - Há um fenômeno bastante interessante que ocorre nos filmes de Cristo. Como a história é conhecida e é basicamente a mesma, em geral os produtores e ou diretores

conhecem as produções realizadas até o momento em que decidem fazer as suas próprias. Isso faz com que haja um diálogo entre estes diversos filmes, onde ou ocorrem referências ou a experiência dos antecessores é aproveitada. Este é um dado importante, onde algum filme tenha cometido alguma “gafe” e tenha sido criticado pela sociedade, o filme posterior se esforçará em não cometer o mesmo erro.

Como comentamos anteriormente, a *Paixão da Pathé* teve influência direta na *Paixão da Gaumont*, sobretudo por que ambas eram empresas concorrentes. Quando Alice Guy realiza o seu filme ela tem a estrita missão de “opor” uma paixão àquela realizada pelo rival. Esta luta pelo mercado consumidor possibilitou o surgimento de duas ótimas produções que possuem estéticas bastante diversas e que coexistem no mesmo período de tempo, na primeira década do século XX. O sucesso dos três filmes, que continham a “Cristologia” do “Servo Sofredor” em si, e a completa ausência de críticas sérias ao seu conteúdo, acabou animando outros produtores a adotarem e manterem o mesmo formato e conteúdo ao longo dos anos, coisa que somente foi de fato rompida após a Segunda Guerra Mundial, na década de 1950, com as novas produções que serão realizadas para a TV, como *O Cristo vivo*, da produtora americana Cathedral, e *Os mistérios do Rosário* produção hispano-americana, realizada sob os auspícios da organização *O Rosário em família*, do conhecido Pe. Patrick Peyton.<sup>8</sup>

**IHU On-Line - Que valores cristãos e humanos se sobressaem nessas produções?**

**Luiz Antônio Vadico** - Nestas três produções especificamente, não há preocupação com “valores humanos”, pois ao menos nas duas primeiras, não há grande possibilidade de informação dramática, pois nem se usavam inter-títulos ainda. Tanto na *Paixão da Pa-*

*thé* quanto na da Gaumont, o esforço recai sobre a questão Cristológica, se está contando a estória da “redenção”, como o Filho de Deus encarnou na Terra para ser sacrificado para redimir a humanidade dos seus pecados. A redenção da humanidade surge como o maior valor cristão ali contido. Toda e qualquer outra referência nos filmes se apagam diante desta. A caridade ou a fé não são temas teológicos abordados se não de maneira bastante indireta.

Além disso, os produtores, até onde temos notícias, não estavam de fato preocupados com a representação de “valores humanos” ou “cristãos”. Eles desejavam contar a Paixão de Jesus Cristo de uma forma extremamente atraente. Então, para os três casos, a estética foi um quesito mais importante do que os valores cristãos ou humanos, e esta foi bastante bem cuidada. Os três filmes tiveram versões coloridas. No caso dos dois mais antigos, foram coloridos à mão, fotograma por fotograma, e no caso de *Da manjedoura à cruz*, o processo foi químico, através da escolha de cores como azul, verde, sépia ou vermelho, eles realizavam a chamada “tintagem” e ou a “viragem”, que coloriam da mesma cor extensas áreas do filme. O azul era utilizado para informar ao espectador que a cenas se passavam à noite, por exemplo.

Em outras palavras, desde a escolha dos cenários, à tecnologia usada e ao processamento final da imagem, eles estavam interessados, sobretudo, em produzir algo que fosse Belo e atraente. Os valores humanos não estavam exatamente na ordem da boa qualidade de representação cinematográfica.

**IHU On-Line - Que elementos das artes pictórica e gráfica migram para o cinema? E que significado essa estética adquire?**

**Luiz Antônio Vadico** - Vários elementos migram da arte como um todo para o cinema. Formalmente, os princípios de composição dos objetos dentro do quadro; a perspectiva, longamente elaborada no contexto do Renascimento Cultural, é tratada com bastante cuidado na elaboração dos diversos

<sup>7</sup> *A paixão de Cristo*: filme dirigido por Mel Gibson, em 2004, e apresentado em 05-04-2006 e 31-03-2007 nos eventos de Páscoa do IHU. Em 07-04-2009 é possível assistir ao filme dentro da programação Páscoa IHU 2009. (Nota da IHU On-Line)

<sup>8</sup> Patrick Peyton (1909-1992): padre irlandês, fundador da Cruzada do Rosário em Família e organizador da Marcha da Família com Deus para a Liberdade, movimento que contribuiu para a preparação do Golpe Militar de 1º de abril de 1964. (Nota da IHU On-Line)

planos de um filme, principalmente quando se trata de organizar o plano-dentro-do-plano; a utilização das cores, quer fosse como puro elemento estético, quer fosse por razões simbólicas, também migra das Artes pictóricas para o Cinema.

No entanto, a influência que se pode sentir de forma mais rápida e simples é a da escolha dos diretores pela utilização da obra deste ou daquele pintor como suporte estético para o seu filme. Isso implicará na escolha de um determinado estilo de iluminação, cores, composição e organização da cena. Isto pode ser visto claramente, no caso da *Paixão da Pathé*, em que a organização das cenas está mais próxima daquilo que era feito por Gustave Doré,<sup>9</sup> no âmbito da ilustração bíblica do século XIX; ou como, no já citado caso de James Tissot, utilizado na *Paixão da Gaumont* no quesito estética e em *Da manjedoura à cruz* foi ainda utilizado com sentido narratológico.

Quando os cineastas recorrem à utilização de recursos, citações, ou até mesmo absorção da obra pictórica inteira de um determinado artista, estão sobretudo buscando encontrar no espectador a familiaridade necessária para uma boa recepção da sua obra. No quesito Paixão de Cristo, grandes mestres da pintura deram a sua contribuição ao longo da história. E o público em geral está bastante familiarizado com estas imagens que advém da arte sacra. Ver um filme que se parece com elas, de acordo com os diretores e alguns teóricos, permite que o espectador se sinta mais confortável diante daquilo que já é conhecido.

### Beleza das imagens

A este raciocínio temos apenas a opor que se o produtor ou o diretor não forem bem-sucedidos neste processo, a familiaridade do espectador fará com que críticas se levantem imediatamente, relativamente à qualidade do filme rodado. George Stevens,<sup>10</sup> em A

<sup>9</sup> Paul Gustave Doré (1832-1883): pintor, desenhista e o mais produtivo e bem-sucedido ilustrador francês de livros de meados do século XIX. Seu estilo se caracteriza pela inclinação para a fantasia. (Nota da IHU On-Line)

<sup>10</sup> George Stevens (1904-1975): diretor, produtor e roteirista de cinema estadunidense. (Nota da IHU On-Line)

*maior história de todos os tempos*, de 1965, foi um dos diretores que mais se preocupou com a beleza das imagens. Sua câmera ocupou-se, sobretudo, da composição e do enquadramento das paisagens. A crítica que acabou resultando por causa do seu excessivo uso, foi de que ele havia feito um filme baseado em “cartões postais”.

É interessante notar que esta “contaminação” que ocorre entre as artes faz com que se veja na tela do cinema, coisas que foram “normalizadas” em meados da Idade Média, como o Manto Azul e o Véu Branco da Virgem Maria. Em boa parte dos filmes, é com essas cores que ela vem representada. Em compen-

**“O que acho difícil é que procuremos fazer um ‘Cristo de chocolate’ que possa ser suficiente para todas as necessidades. Não, não pregaremos o coelho na cruz e nem faremos um Jesus de Chocolate”**

sação as “contaminações” também se dão em sentido contrário. O manto de Jesus, que não havia sido vermelho até o surgimento do filme *O manto sagrado*,<sup>11</sup> passou a exibir frequentemente essa cor desde então, seja na pintura, seja no próprio cinema.

**IHU On-Line - Qual é o sentido de celebrarmos a Páscoa em nossa sociedade?**

**Luiz Antônio Vadico** - Essas duas últimas questões são muito delicadas para serem respondidas por mim na condição de pesquisador, pois elas se referem a um contexto que, sobretudo, parece pedir um teólogo. No entanto, gostaria de respondê-las para além do âmbito aca-

<sup>11</sup> *The robe (O manto sagrado)*: filme dirigido por Henry Koster em 1953. (Nota da IHU On-Line)

dêmico, apelando para minha própria subjetividade, se é que poderei ajudar de alguma forma nisso. A minha pergunta é se esta questão faz “sentido”. Para os cristãos, há completa pertinência em se comemorar a Páscoa, sempre houve, há e haverá. É no âmbito do Cristianismo que a celebração surge e enquanto houver Cristianismo fará sentido para o seu seguidor celebrar a Páscoa. Não consigo ver com espanto o fato de que nem todas as pessoas compreendem o sentido da Páscoa e, por isso, a comemoram de forma diferente, ou muitas vezes não lhe dão a menor importância. Se uma parte da sociedade, desligada – ou não – dos valores cristãos prefere coelho e chocolate na Páscoa, tudo bem, isso é com eles. Aqueles que preferem celebrar a Ressurreição de Jesus Cristo devem fazê-lo. O que acho difícil é que procuremos fazer um “Cristo de chocolate” que possa ser suficiente para todas as necessidades. Não, não pregaremos o coelho na cruz e nem faremos um Jesus de Chocolate.

### Várias Páscoas

Acredito que Jesus ensinou claramente o caminho quando disse: “vós não sois do mundo”. Por isso, não fiquemos aborrecidos quando o “mundo” não compactuar conosco. Pensemos que atualmente existem várias Páscoas, cada uma com sua legitimidade, seja essa legitimação comercial, religiosa ou cultural, são sobretudo práticas do “mundo”; neste contexto, lembremos que o Cristão dedica-se à obra de Deus e à maior edificação do Espírito. Em essência ele não é do mundo, e sabe que Deus deve ser cultuado em “espírito e verdade”, e ele sabe, ao menos por lógica, que não tem como pedir ao “mundo” que legitime a sua prática.

Atualmente, ser cristão, tanto quanto no período tardio do Império Romano, passa necessariamente por uma escolha pessoal, por uma conversão ou até mesmo por uma reconversão; então, mais do que nunca, para aquele que se encontrou em Cristo, faz todo sentido comemorar e celebrar a Páscoa. “Porque se Jesus não ressuscitou é vã a sua fé”, mas, se para nós ele ressuscitou, então celebremos.

## A respiração tornada melodia. O canto pascal

Obras de Bach e Beethoven celebram a vida como uma benção, e preparam ouvintes para vivenciar o sentido da ressurreição. Reconstrução e renascimento são possibilidades através da arte, e audições comentadas aproximam-nos desse significado

POR GRAZIELA WOLFART E MÁRCIA JUNGES | FOTO MOISÉS SBARDELOTTO

**N**as obras *Ich hatte viel Bekümmernis*, de Bach, e *Missa Solemnis*, de Beethoven, “soa a convicção que a vida é uma benção e, por isso, são maravilhosos alimentos espirituais que nos preparam para viver o sentido profundo da ressurreição”, disse a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Yara Caznok, na entrevista que concedeu, por e-mail, à **IHU On-Line**, dando maiores detalhes sobre as audições comentadas que conduziu dentro da programação da Páscoa IHU 2009, em 2 e 3 de abril. Segundo ela, “permitir-se experimentar e viver interiormente as duas escutas tomando-as como mundos sensíveis distintos, sem tentar eleger a mais ‘apropriada’ segundo padrões preconcebidos, seria o melhor caminho para nos aproximarmos do conteúdo espiritual encerrado em cada uma delas”. Em sua opinião, cantar é rezar duas e até mais vezes, “mas essa ação multiplicadora se dá na simultaneidade, na sobreposição e não apenas na repetição”.

Caznok é graduada em Letras Franco-Portuguesas, pela Fundação Faculdade Estadual de Filosofia Ciências Letras Cornélio Procópio (FAFI), e em Música, pela Faculdade Paulista de Arte (FPA). Especialista em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), cursou mestrado em Psicologia da Educação na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e doutorado em Psicologia Social na USP, com a tese *Música: entre o audível e o visível* (São Paulo: EDUNESP, 2004). É autora, entre outros, de *Ouvir Wagner - Ecos nietzschianos* (São Paulo: Editora Musa, 2000) e *O desafio musical* (São Paulo: Irmãos Vitale, 2004). Atualmente, leciona na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, no Departamento de Música. Confira a entrevista.



### IHU On-Line - De que forma podemos rezar e meditar sobre a Páscoa através das composições de Bach<sup>1</sup> e

<sup>1</sup> Johann Sebastian Bach (1685-1750): músico e compositor alemão do período barroco da música erudita, além de organista notável. É considerado um dos maiores e mais influentes compositores da história da música, ainda que pouco reconhecido na época em que viveu. Muitas das suas obras refletem uma grande profundidade intelectual, uma expressão emocional impressionante. O IHU, dentro das comemorações da Páscoa 2007, ofereceu três audições comentadas sobre o compositor, divididas em 29 e 30 de março deste ano, sob condução da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Yara Caznok, da UNESP. Em 29 de março o tema foi A expressão musical da fé em Bach e Mozart, quando fez uma audição comparada do Credo das Missas BWV 232, de Bach, e K427, de Mozart. No mesmo dia, Caznok comentou o *Oratório de Ascensão BW 11*, de Bach. Em 30 de março, conduziu a audição

### Beethoven<sup>2</sup>?

Yara Caznok - Primeiramente, é preciso reconhecer que estamos diante de duas obras cujo intenso apelo sensível, por meio da beleza, nos coloca imediatamente no mundo da meditação e da reflexão espiritual. A genialidade com a qual Bach e Beethoven construíram as melodias, as harmonias, a instrumentação, a estrutura

comentada de *A paixão de Cristo segundo São João - BWV 245*. (Nota da IHU On-Line)

<sup>2</sup> Ludwig van Beethoven (1770-1827): compositor erudito alemão do período de transição entre o classicismo e o período romântico. É considerado o maior e mais influente compositor do século XIX. Suas 32 Sonatas para Piano são consideradas o Novo Testamento da Música, sendo o Cravo Bem-Temperado de Bach, o Antigo Testamento. (Nota da IHU On-Line)

formal e a relação texto/música é tão impactante que provoca no ouvinte a sensação da completude e a proximidade da ideia da perfeição. Obras de arte dessa envergadura nos colocam diante da questão: quanto há de divino na ação humana? A *Cantata BWV 21*,<sup>3</sup> mesmo não tendo sido escrita para o período pascal, apresenta o trajeto de uma alma que sofre por se sentir abandonada até encontrar Jesus, que a acolhe e a consola. Com a *Missa Solemnis*<sup>4</sup>, temos toda uma co-

<sup>3</sup> Aqui a entrevistada se refere à obra *Ich hatte viel Bekümmernis*. (Nota da IHU On-Line)

<sup>4</sup> *Missa solemnis Op. 123*: obra composta por Ludwig van Beethoven de 1819-1923. É considerada uma de suas composições supremas. (Nota da IHU On-Line)

munidade que se afirma plena em sua liberdade por meio de orações ora voluntárias, ora contritas, ora violentas, ora íntimas. Em ambas, soa a convicção que a vida é uma benção e, por isso, são maravilhosos alimentos espirituais que nos preparam para viver o sentido profundo da ressurreição.

**IHU On-Line - Nesse sentido, quais são as particularidades que aponta sobre *Ich hatte viel Bekümmernis*,<sup>5</sup> de Bach, e *Missa Solemnis* em ré maior, de Beethoven, que estimulam a nossa espiritualidade?**

**Yara Caznok** - Essas duas obras são muito diferentes em suas propostas estéticas e espirituais, não só porque pertencem a períodos históricos distintos, mas também porque as formas de expressar a fé de Bach e de Beethoven são bastante diferentes. Com Bach, somos convidados a um exercício pietista de recolhimento e de meditação sobre nossa condição de incompletude que só se transforma com a presença de Deus. Beethoven pertence a uma época pós-revolução francesa, na qual o homem de ação, construtor de um mundo solidário e justo, reza de uma outra maneira, cultivando sua fé em uma comunidade que celebra a liberdade e os valores humanos. Permitir-se experimentar e viver interiormente as duas escutas tomando-as como mundos sensíveis distintos, sem tentar eleger a mais “apropriada” segundo padrões preconcebidos, seria o melhor caminho para nos aproximarmos do conteúdo espiritual encerrado em cada uma delas.

**IHU On-Line - Poderia apontar as circunstâncias e o contexto em que foram compostas essas obras?**

**Yara Caznok** - As informações históricas sobre a *Cantata BWV 21* não são seguras, pois a partitura desapareceu. Pelas partes dos instrumentos e vozes que foram preservadas, sabe-se que ela foi executada em Weimar,<sup>6</sup> no ter-

<sup>5</sup> *Ich hatte viel Bekümmernis* BWV 21: cantata composta por Johann Sebastian Bach em 1713. (Nota da IHU On-Line)

<sup>6</sup> **Weimar**: cidade alemã patrimônio da humanidade de acordo com a Unesco. É uma comunidade independente (*Kreisfreie Stadt*) ou dis-

ceiro domingo após a festa da Trindade em 1714. A indicação *Per ogni tempo* encontrada nessas partes revela que ela não teria tido uma destinação específica dentro do ano litúrgico e seu texto, inspirado em versículos dos Salmos 94, 42, 116 e no Apocalipse (coros 2, 6, 9 e 11, respectivamente), teria

**“Beethoven pertence  
a uma época  
pós-revolução  
francesa, na qual o  
homem de ação,  
construtor de um mundo  
solidário e justo, reza de  
uma outra maneira,  
cultivando sua fé em  
uma comunidade que  
celebra a liberdade e os  
valores humanos”**

sido escrito por Salomo Franck, clérigo e poeta em Weimar. Há também a hipótese de que Bach tenha escrito essa Cantata em 1713 por ocasião de sua candidatura ao posto de organista da *Liebfrauenkirche* de Halle. De qualquer forma, esta é a única Cantata do período de Weimar<sup>7</sup> (1708-1717) que

trito urbano (*Stadtkreis*), ou seja, possui estatuto de distrito (*kreis*). É particularmente conhecida pelos grandes nomes da cultura alemã que aqui viveram nos tempos do Romantismo e o *Sturm und Drang*: Goethe e Schiller, entre outros, mas também, mais tarde, Nietzsche. No edifício do teatro, situado no Theaterplatz (praça do teatro), foi proclamada a República de Weimar. (Nota da IHU On-Line)

<sup>7</sup> Duas Paixões: Aqui Yara Caznok se refere à *Paixão segundo Mateus*, e a *Paixão segundo João*. Ela apresentou a “Paixão segundo São João - BWV 245, de Johann Sebastian Bach” em 07-04-2006 na programação de Páscoa do

tem a estrutura bipartida – parte I, sermão, parte II e que, guardadas as proporções, por sua intensa dramaticidade é comparada às duas Paixões e à *Missa em si menor*.<sup>8</sup>

O repertório sacro escrito por Beethoven conta com apenas 2 missas e um oratório (*Cristo no Monte da Oliveiras*). A composição da *Missa Solemnis* foi iniciada em 1819, quando ele já estava totalmente surdo, para celebrar a nomeação do Arquiduque Rodolfo da Áustria como arcebispo de Olmütz, na Morávia. Sua intenção, portanto, era escrever uma obra litúrgica para ser apresentada na catedral de Colônia, em uma festa de grande magnitude. A *Missa*, no entanto, só foi terminada em 1823, e, durante esses anos, Beethoven trabalhou em outras peças, em especial, na *9ª Sinfonia* (1824), obra com a qual compartilha o espírito humanista e a extrema intensidade expressiva. Estão presentes também na *Missa* os mundos sonoros de Bach, Haendel<sup>9</sup> e Palestrina,<sup>10</sup> as texturas polifônicas e o pensamento modal do canto gregoriano, reinterpretados por Beethoven nessa sua última fase criativa. Marcante e incisivo, esse espírito híbrido, inspirado e libertário que habita a *Missa Solemnis* faz dela uma das obras mais importantes do repertório sacro do século XIX.

**IHU On-Line - Como definiria o audível e o visível nas audições desses compositores?**

**Yara Caznok** - Em Bach, a visualida-

Instituto Humanitas Unisinos - IHU, www.unisinos.br/ihu. (Nota da IHU On-Line)

<sup>8</sup> *Missa em si menor*: obra do compositor alemão Johann Sebastian Bach, apresentada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Yara Caznok em 18-03-2005 sob o título “*Missa em si menor*, de Johann Sebastian Bach - Uma celebração perceptiva” no evento Páscoa: passagem para a liberdade, do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. (Nota da IHU On-Line)

<sup>9</sup> **Georg Friedrich Händel** (1685-1759): compositor barroco alemão. Suas obras incluem 32 oratórios, 40 óperas, 110 cantatas, 20 concertos, 39 sonatas, fugas, suítes, obras sacras para missa e obras orquestrais. (Nota da IHU On-Line)

<sup>10</sup> **Giovanni Pierluigi da Palestrina** (1525-1594): compositor italiano renascentista. Era o mais famoso no século XVI, representante da Escola Romana. Teve uma grande influência sobre o desenvolvimento da música sacra na Igreja Católica Romana. (Nota da IHU On-Line)

de sonora se dá por meio de procedimentos retóricos do “falar por imagens” (*eikonologia*). Sentimentos, ações, movimentos físicos e espirituais, entre outros, são apresentados por motivos e eventos musicais cuja significação é sugerida e confirmada pelo texto. Direções de escalas, intervalos e saltos, cromatismo, acordes, células rítmicas pontuadas, procedimentos imitativos, retrogradados e/ou espelhados, entre outros, simbolizam conteúdos “extramusicais” que se apresentam aos ouvidos como imagens: quedas físicas e ou morais e estados de prostração são experimentados como descendentes e preces que se dirigem aos céus ou vitórias, como ascendentes, para citar apenas uma entre infinitas possibilidades. A função dessa visualidade na obra de Bach tem uma importante função: converter o ouvinte, tomando-o por todos os sentidos e intensificando seu encontro com o sagrado. Em Beethoven, essa tradição já divide as forças com uma outra qualidade de fruição imagética: são forças monumentais que se erguem, blocos sonoros que nos trazem texturas densas ou diáfanos, sonoridades que nos remetem a vácuos e circularidades, entre outros, e que não têm, necessariamente, correspondentes figurativos pré-definidos, ou identidades visuais estáveis. A condução da interioridade do ouvinte ao sublime é também objetivo de Beethoven e isto, sem dúvida, se dá por meio de uma arquitetura musical majestosa e imponente.

**IHU On-Line - Cantar é mesmo rezar duas vezes? Por quê?**

**Yara Caznok** - Sim, e eu diria que são duas ou até mais vezes, mas essa ação multiplicadora se dá na simultaneidade, na sobreposição e não apenas na repetição. Com sobreposição, quero dizer que há um aumento da intensidade na vivência, um aprofundamento no ato de voltar-se completamente para a oração. Quando comparado ao canto, uma oração proferida tem um distanciamento: a compreensão das palavras se faz mais presente e sua interiorização depende de um inves-

## “Em Bach, a visualidade sonora se dá por meio de procedimentos retóricos do ‘falar por imagens’ (*eikonologia*)”

timento temporal. O cantar não parte inicialmente do entendimento do texto, mas do estabelecimento imediato de uma intimidade, tal como em qualquer relação amorosa de entrega e de doação de nossa interioridade. Lembremo-nos das canções de ninar, nas quais, antes do conteúdo semântico, há a busca pelo estabelecimento de um clima de confiança, de verdadeiro encantamento afetivo. A internalização do texto vem posteriormente, como consequência e confirmação da experiência primeira. Cantar também demanda uma maior concentração física, mental e espiritual a fim de que a voz – respiração tornada melodia – efetue a troca mais íntima que podemos ter com o mundo externo, a inspiração e a expiração. Por isso, o canto se tornou o instrumento da união por excelência, pois permite a experiência do encontro com a coletividade e, ao mesmo tempo, da individuação. Aliada a todas essas potencialidades, está a capacidade dos compositores em criar melodias que nos capturam e nos transformam pela beleza, pela força que uma obra de arte tem de nos comover, nos emocionar e nos converter.

### LEIA MAIS...

>> Yara Caznok já concedeu outra entrevista à IHU On-Line. Ela está disponível na nossa página eletrônica [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu).

Entrevista:

\* “Mozart, um compositor e suas contradições”. Edição número 174, intitulada *Wolfgang Amadeus Mozart. Jogo e milagre da vida*, de 03-04-2006.

ACESSE OUTRAS EDIÇÕES DA IHU ON-LINE  
WWW.UNISINOS.BR/IHU

## As águas e a sede do humano pela sua humanidade e divindade

Um infinito de possibilidades, gérmen dos germens e combustível que alimenta a sede humana de sua busca pelo divino e humano e suas ambiguidades são características da água, menciona Evaristo Eduardo de Miranda

POR MÁRCIA JUNGES

A massa oceânica das águas “representa o infinito das possibilidades, o gérmen dos germens e todas as promessas de desenvolvimento e salvação”, afirma o engenheiro agrícola Evaristo Eduardo de Miranda, na entrevista exclusiva concedida por e-mail à IHU On-Line. De acordo com ele, “a sacralidade das águas nas religiões, paradoxalmente, aumenta a sede insaciável do humano em busca de sua humanidade e divindade. As águas confirmam o humano na sua condição de sedento caminhante”. Doutor em Ecologia e chefe-geral da Embrapa Monitoramento por Satélite, em Campinas, São Paulo, Miranda pondera que “precisamos de ciência, consciência e muito bom senso para cuidar de nós e das águas”. Relacionando a pureza e limpeza com os ritos da vida espiritual, ele pontua que “Deus nos acolhe e ama como somos. Mais do que puros ou limpos, Deus nos quer inteiros. Com nossos lados claros e escuros, nossos êxitos e fracassos, nossa coragem e medo, nossas ambiguidades e certezas, nossos maus cheiros e perfumes, nossa fé e nossa dúvida. Ele não nos ama de forma calculista ou anti-séptica, mas integral e sem condicionantes: tristes e alegres, certos e errados, corajosos e preguiçosos, masculinos e femininos, ambivalentes e polivalentes”. Sobre o significado da Páscoa, ele diz que “a maioria esqueceu o quanto Jesus, em sua humanidade, aproximou-se e viveu tão perto, tão perto de nós”.

Miranda foi um dos conferencistas do evento Páscoa IHU 2009, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU, de 2 de março a 26 de abril. Em 31 de março, ele apresentou o IHU Ideias intitulado A sacralidade das águas e do fogo, e a palestra As águas e o fogo na natureza e na vida espiritual. A programação completa do evento pode ser acessada no sítio do IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu).

Graduado em Engenharia Agrícola pelo Institut Supérieur d'Agriculture Rhone Alpes Isara, França, Evaristo Miranda realizou mestrado e doutorado na área de Ecologia na Université de Montpellier II, na França. Atualmente, é chefe-geral da Embrapa Monitoramento por Satélite, representante do Ministério da Agricultura na Câmara de Relações Exteriores e Defesa Nacional brasileira e Diretor do Instituto Ciência e Fé. É autor de, entre outros, *Água, sopro e luz – Alquimia do batismo* (2. ed. São Paulo: Loyola, 1995), *A foice da lua no campo das estrelas – Ministar exéquias* (São Paulo: Loyola, 1998), *A água na natureza e na vida dos homens* (Aparecida: Ideias & Letras, 2004) e *A Sacralidade das águas corporais* (São Paulo: Loyola, 2004). Publicou, ainda, *o Guia de curiosidades católicas* (Petrópolis: Vozes, 2007). Confira a entrevista.

### IHU On-Line - Qual é a sacralidade das águas nas religiões?

**Evaristo Eduardo de Miranda** - Como todos símbolos cosmológicos, a água é cheia de ambiguidades. Ligada à ideia da vida, que nela encontrou seu berço e dela é constituída, a água também evoca a morte, o afogamento, a força aniquiladora dos maremotos, tsunamis e inundações, e o desastre dos naufrágios. Universal, ela alimenta a terra

e mata a sede dos homens, das aves e dos cães. Sua massa oceânica, indiferenciada, representa o infinito das possibilidades, o gérmen dos germens e todas as promessas de desenvolvimento e salvação. Todos os povos em suas manifestações religiosas foram buscar na água o elemento de transição, entre o sólido e o gasoso, entre a rigidez e a plasticidade, entre o peso e a leveza, entre a inconsciência e a consciência.

### IHU On-Line - Qual é a importância da sacralidade das águas na vida espiritual?

**Evaristo Eduardo de Miranda** - O homem é o único animal capaz de distinguir a água comum da água benta. É preciso estar sedento para aproximar a riqueza e a sacralidade das águas na vida espiritual. É preciso discernimento para não beber a areia de falsas doutrinas, em meio ao deserto deste

mundo, pensando estar sorvendo água fresca. A sacralidade das águas nas religiões, paradoxalmente, aumenta a sede insaciável do humano em busca de sua humanidade e divindade. As águas confirmam o humano na sua condição de sedento caminhante. E o caminho dessas fontes de águas vivas, amplificadoras da sede mística ao invés de aplacá-la, tem um belo traçado no território da tradição judaica e da mística cristã. A junção das águas da tradição judaica com as da tradição cristã constitui um caudaloso Amazonas de símbolos, um mar de lendas, um oceano de imagens, episódios, ritos, doutrinas e uma infinidade de fontes espirituais.

**IHU On-Line - A água tem uma simbologia de purificação? Por quê?**

**Evaristo Eduardo de Miranda** - Não apenas. Das 664 citações ou empregos da palavra água na Bíblia, 591 ocorrem nas úmidas páginas do Antigo Testamento. No Novo Testamento são apenas 73 citações onde ocorrem episódios fortes, belos, poéticos, trágicos, cômicos, sinistros, românticos, miraculosos. A maioria delas anda muito distante de ritos de purificação. Na vida de Jesus de Nazaré, as águas estiveram sempre presentes. Serviram na descoberta progressiva de sua missão, como águas exteriores: nas nuvens, nas chuvas, no mar da Galileia, no rio Jordão, nas fontes e nas águas contidas em copos, tanques, baldes, cântaros, jarras, bilhas, piscinas, poços e fontes, no vinagre, no vinho e nas parábolas. Apenas em alguns episódios existe essa conotação de purificação. É fundamental descobrir, na vida espiritual, a sacralidade das águas interiores, das águas corporais. A saliva, a sede, as lágrimas, o suor, o sangue e o flanco jorrante de Jesus crucificado são a expressão mais elaborada de sua fidelidade através das águas interiores. Eu tratei desse tema no meu livro *A sacralidade das águas corporais*.

**IHU On-Line - O significado da água no rito batismal cristão não é de purificação?**

**Evaristo Eduardo de Miranda** - Infezivelmente, estamos muito contamina-

dos com essa teologia do “sabão em pó e da máquina de lavar” quando se fala de batismo. Igrejas disputam para saber qual batismo lava mais branco. E como lavadeiras, em função da trouxa de roupas ou de pecados, defendem uma grande quantidade de água, a imersão. O batismo não é para lavar, mas para libertar dos pecados. “O batismo, porta dos sacramentos, pelo qual os homens se libertam dos pecados, são de novo gerados como filhos de Deus e se incorporam à Igreja, configurados com Cristo por caráter indelével...” Assim afirma o Código Canônico (Cânon 849 – Do batismo). Para perdoar os pecados, na Igreja católica, há outro sacramento: o da reconciliação ou da confissão.

## “É fundamental descobrir, na vida espiritual, a sacralidade das águas interiores, das águas corporais”

**IHU On-Line - Mas a pureza e a limpeza não são importantes nos ritos e na vida espiritual?**

**Evaristo Eduardo de Miranda** - Nem tanto. Em que medida Deus nos quer puros ou limpos? Muitas perspectivas religiosas ou pessoas sob o jugo de falsa moral buscam e vivem terríveis ideais de mortificação e pureza. Deus estaria lhes exigindo um comportamento de busca absoluta da “limpeza”. Tudo o que não for claro e radiante no espírito e no coração deve ser extirpado e jogado fora. Essas exigências, nada evangélicas, ao invés de salvar, levam a um caminho de extrema miséria, mutilações e infinitos sofrimentos, longe do amor de Deus. A água é símbolo de fecundidade. Ela acomoda-se, molda-se aos recipientes. Deus nos acolhe e ama como somos. Mais do que puros ou limpos, Deus nos quer inteiros. Com nossos lados claros e escuros, nossos êxitos e fracassos, nossa coragem e

medo, nossas ambiguidades e certezas, nossos maus cheiros e perfumes, nossa fé e nossa dúvida. Ele não nos ama de forma calculista ou anti-séptica, mas integral e sem condicionantes: tristes e alegres, certos e errados, corajosos e preguiçosos, masculinos e femininos, ambivalentes e polivalentes.

**IHU On-Line - Qual seria, em síntese, a simbologia da água na tradição cristã?**

**Evaristo Eduardo de Miranda** - Na tradição judaica e cristã, a água é o elemento cósmico líquido e vitalizante, é o símbolo maior do batismo, está presente em muitos ritos religiosos (ritos pascais, eucaristia, exéquias), transmutada em água benta. A água envolve muitos conteúdos simbólicos, da acolhida (batismo) à despedida (enterro), do começo ao final, do batismo cristão e ao momento da benção do corpo nas exéquias, do inconsciente para o consciente, do visível para o invisível. Creio que ela representa, antes de tudo, a perene transmutação do homem, sob o influxo da graça (ou da seiva) de Deus.

**IHU On-Line - Como o significado sagrado das águas pode inspirar os seres humanos a respeitarem mais a natureza e viverem em harmonia com o cosmos?**

**Evaristo Eduardo de Miranda** - Todos seres vivos precisam de água. O Brasil descobre aos poucos uma grande verdade: não tem água para tudo, nem para todos. Dentre todos os necessários, estão também os ecossistemas. Sem eles não haverá sequer “produção” adequada de água para os humanos, nem alimentos, nem lazer, nem pesca, nem turismo, nem geração de energia, nem navegação, nem irrigação. Produzir comida, alimentos, requer água. Muita água. A agricultura brasileira consome ou recicla cerca de 60% da água doce utilizada no país, enquanto a indústria 28%, e o abastecimento humano apenas 12%. É bom fechar a torneira quando escovamos os dentes, talvez como atitude simbólica. Significa quase nada, na prática. A gestão da água coloca desafios em outros patamares. As águas pedem atenção espiritual, memória histórica,

compreensão cultural e participação social e democrática no destino das bacias hidrográficas, muito além de números, tabelas e tecnologias.

Viver em harmonia significa viver em tensão. A deusa Harmonia nasceu da relação entre a deusa do amor, da ternura, Afrodite, e o deus da guerra, do ódio, Ares. Desses opostos, nasceu uma filha, Harmonia. Não há retorno em vida ao paraíso. Precisamos de ciência, consciência e muito bom senso para cuidar de nós e das águas. Isso vale para índios, para a sociedade capitalista e ainda mais para os países socialistas ou comunistas que promoveram os mais gigantescos desastres ambientais da história da humanidade.

**IHU On-Line - Qual é o sentido de celebrarmos a Páscoa na sociedade individualista e consumista em que vivemos?**

**Evaristo Eduardo de Miranda** - Na Páscoa não foram os hebreus que passaram. É Deus quem passa a visitar seu povo. No Egito dos Faraós, estabelecido sobre conquistas sanguinárias, os homens foram chamados a um processo alquímico de transmutação, do visível ao invisível. E o primeiro ato de Moisés foi a praga pela qual transformou ou transmutou a água do Nilo, símbolo da vida, em sangue. No evangelho de João, foi num casamento, nas bodas de Caná, que Jesus começou seu ministério. E o fez transformando a água em vinho, e não em sangue. Por isso, no passado, muitos santos cristãos já apresentavam Jesus como a sétima jarra das bodas de Caná. Encerrava-se a necessidade de transformar-se a água em sangue como na primeira praga do Egito. Agora nos é dado a conhecer um outro caminho. A vinificação é alegoricamente a espiritualização da vinha. É a subida pelos graus de energia e consciência, do visível para o invisível. A água se torna vinho como primícias do sangue que será vertido pela salvação do mundo. No final de sua missão, numa ceia, numa santa ceia, Jesus transformou o vinho em seu sangue. Sangue que brotará do seu flanco, junto com a água, do alto da cruz. Nesta Páscoa, tudo se repete e se rememora. Deus vem nos visitar e

**“Nesta Páscoa, tudo se repete e se rememora.**

**Deus vem nos visitar e traz a radicalidade da Ressurreição.”**

traz a radicalidade da Ressurreição.

**IHU On-Line - O homem contemporâneo esqueceu o verdadeiro significado da Páscoa?**

**Evaristo Eduardo de Miranda** - A Páscoa evoca algo perturbador para quem deseja sucesso e desempenho. Moisés,<sup>1</sup> Buda,<sup>2</sup> Maomé<sup>3</sup> e Confúcio<sup>4</sup> faleceram com idade respeitável, após uma vida de conquistas e realizações, cercados por seus discípulos e sucessores. Encerraram suas vidas “repletos de dias”, como os patriarcas de Israel, após anos de venturas. Tiveram até o fim uma existência cercada de esposa, filhos, parentes, amigos e até de um harém, como o profeta Maomé, falecendo nos braços de sua esposa bem amada. De certa forma, eles são modelos adequados para líderes de empresas, jo-

<sup>1</sup> **Moisés:** profeta israelita. Segundo a tradição judaica e cristã, foi autor dos cinco primeiros livros do Antigo Testamento. Para os judeus, ele é considerado um dos principais líderes religiosos. Para os muçulmanos, foi um grande profeta. Durante 40 anos, conduziu o povo de Israel na peregrinação pelo deserto. Para o Cristianismo, é considerado o prometido Messias. Moisés morreu aos 120 anos. (Nota da IHU On-Line)

<sup>2</sup> **Siddhartha Gautama:** mestre religioso e fundador do Budismo no século VI antes de Cristo. Ele seria, portanto, o último Buda de uma linhagem de antecessores cuja história perde-se no tempo. Conta a história que ele atingiu a iluminação durante uma meditação sob a árvore *Bodhi*, quando mudou seu nome para Buda, que quer dizer “iluminado”. (Nota da IHU On-Line)

<sup>3</sup> **Muhammad, Muhammad (Maomé):** líder religioso e político árabe. Segundo a religião islâmica, Maomé é o mais recente e último profeta do Deus de Abraão. Não é considerado pelos muçulmanos como um ser divino, mas sim, um ser humano; contudo, entre os fiéis, ele é visto como um dos mais perfeitos seres humanos. (Nota da IHU On-Line)

<sup>4</sup> **Confúcio (551 a.C. - 479 a.C.):** nome latino do pensador chinês Kung-Fu-Tzu. Foi a figura histórica mais conhecida na China como mestre, filósofo e teórico político. Sua doutrina, o confucionismo, teve forte influência não apenas sobre a China, mas também sobre toda a Ásia oriental. (Nota da IHU On-Line)

vens talentosos, pessoas com ambição social e que, sobretudo, não querem morrer. Não foi assim com Jesus, o filho do carpinteiro de Nazaré. Jesus morreu jovem e celibatário, após uma atividade extremamente curta, de no máximo de três anos e possivelmente apenas de alguns meses. Ele morreu abandonado e negado por seus discípulos, ofendido e amaldiçoado por seus adversários e aparentemente abandonado por Deus. Ele foi condenado ao mais horroroso e odioso dos suplícios: a cruz. Assim apresenta-nos Jesus o evangelho de Marcos. No começo um simples homem, mais adiante “um homem eleito por Deus acima de toda criatura,” nos dizeres de Paulo apóstolo, depois os evangelhos o tratam de “filho do homem” e, afinal, “filho de Deus”. Bem mais tarde, no evangelho de João, Jesus se torna o Verbo encarnado. Eis um dos caracteres decisivos da especificidade cristã, nos dizeres do teólogo Hans Küng.<sup>5</sup> E toca um dos mistérios da fé cristã.

**IHU On-Line - Como descobrir, encontrar e viver esse sentido original da Páscoa cristã?**

**Evaristo Eduardo de Miranda** - No

<sup>5</sup> **Hans Küng (1928):** teólogo suíço, padre católico desde 1954. Foi professor na Universidade de Tübingen, onde também dirigiu o Instituto de Pesquisa Ecumênica. Foi consultor teológico do Concílio Vaticano II. Destacou-se por ter questionado as doutrinas tradicionais e a infalibilidade do Papa. O Vaticano proibiu-o de atuar como teólogo em 1979. Nessa época, foi nomeado para a cadeira de Teologia Ecumênica. Atualmente, mantém boas relações com a Igreja e é presidente da Fundação de Ética Mundial, em Tübingen. Um escritório da Fundação de Ética Mundial funciona dentro do Instituto Humanitas Unisinos desde o segundo semestre do ano passado. Küng dedica-se, atualmente, ao estudo das grandes ‘religiões, sendo autor de obras como *A Igreja Católica*, publicada pela editora Objetiva, e *Religiões do Mundo: em Busca dos Pontos Comuns*, pela editora Verus. De 21 a 26 de outubro de 2007, aconteceu o Ciclo de Conferências com Hans Küng - Ciência e fé - por uma ética mundial, com a presença de Hans Küng, realizado no campus da Unisinos e da UFPR, bem como no Goethe-Institut Porto Alegre, na Universidade Católica de Brasília, na Universidade Cândido Mendes do Rio de Janeiro e na Universidade Federal de Juiz de Fora - UFMG. Um dos objetivos do evento foi difundir no Brasil a proposta e atuais resultados do “Projeto de ética mundial”. Confira, no site do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)), a edição 240 da revista *IHU On-Line*, de 22-10-2007, intitulada *Projeto de Ética Mundial. Um debate*. (Nota da IHU On-Line)

encontro da pessoa humana de Jesus. Quantos encontros inesperados transformam nosso dia, nossa semana e até nossa vida? Cada um de nós poderia fazer uma lista desses eventos que mudaram nossa trajetória, enriqueceram nossa existência e transformaram nossa visão do mundo, dos outros e de nós mesmos. Existe uma verdade ontológica nesse tema, muito presente nos evangelhos: *nós não somos donos de nossos encontros*. Essa constatação é cheia de consequências. Nos evangelhos, a maioria dos encontros com Jesus é inesperada. Isso não é o resultado de uma alta estratégia, elaborada nos céus, nem de uma pedagogia da conversão. A razão principal é a proximidade humana de Jesus. A inteligência da vida humana de Jesus e de seus encontros com seus próximos, de quem ele aproximou-se e de quem eles aproximaram-se, abre o caminho para uma reapropriação da existência singular de cada um de nós. É a nossa Páscoa. Devemos buscá-la nos evangelhos. O Verbo se fez carne e habitou entre nós. A maioria esqueceu o quanto Jesus, em sua humanidade, aproximou-se e viveu tão perto, tão perto de nós. Lá estava ele sentado na beira do poço, tão verdadeiro, amigo das videiras, do trigo, das ovelhas, das crianças, evocando os pardais, os lírios e as raposas; cansado, dormindo no barco, a cabeça repousando na almofada; com sede, com fome, ele era um hóspede da noite, na mesa de Lázaro, Marta e Maria, na casa de Zaqueu ou de Jairo. Caminhando na madrugada, quando isolava-se para orar, ele aproximava-se de seus discípulos com os pés molhados de orvalho e o rosto iluminado pelos primeiros raios do sol.

#### LEIA MAIS...

>> Evaristo Eduardo de Miranda já concedeu outras entrevistas ao sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Elas estão disponíveis na nossa página eletrônica [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu).

\* *A junção da fé com a razão e da ciência com a religião*. Entrevista especial com Evaristo Eduardo de Miranda, publicado nas *Notícias do Dia*, de 11-11-2006;

\* *A invenção do Brasil*. Entrevista especial com Evaristo Eduardo de Miranda", publicado nas *Notícias do Dia*, de 20-06-2007.

## Cosmos. O sacramento primordial. Os símbolos da luz e da água

Elementos rituais possibilitam nossa participação na Páscoa; é preciso deixar o discurso racional de lado e viver a linguagem simbólica dos ritos, uma linguagem “total”, que atinge o ser humano por completo, acentua Ione Buyst

POR MÁRCIA JUNGES

**A**nalisando os símbolos da água e da luz na liturgia cristã da vigília pascal, a teóloga Ione Buyst, monja beneditina, disse, na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line**, que “o jogo de trevas e luz, escuridão da noite e velas acesas junto com o Círio Pascal torna-se para os cristãos, símbolos de Cristo Ressuscitado que passou pelas trevas da perseguição, da tortura e da morte, mas que saiu de tudo isso vitorioso, pela graça de Deus”. Ela complementa: “No caso da vigília pascal, todos os elementos rituais, num grande jogo simbólico, não apenas narram a páscoa-passagem de Jesus da morte para a vida, mas possibilitam nossa participação nesta superação de todas as mortes, ainda que passando por elas. Muito mais abrangente que o discurso racional, a linguagem simbólica é uma linguagem total, que atinge o ser humano em sua totalidade: seu corpo, mente, coração, espírito”. Junto com autores como Thomas Berry e Brian Swimme, Buyst propõe que seja aplicado ao cosmos o conceito de “sacramento primordial”, colaborando, assim, “na conscientização dos participantes da liturgia cristã do fato que fazemos parte do cosmos e do dever sagrado de preservar a vida em todas as suas formas. Trata-se de – a partir da ação ritual – ajudar na superação da atitude antropocêntrica e dualista em relação ao cosmos e levar a um compromisso com a preservação da natureza, do planeta, da vida em todas as suas formas”.

Buyst é doutora em Teologia Dogmática com Concentração em Liturgia, pelo Centro de Liturgia da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo. Atua no ensino da liturgia em várias instâncias. Assessora cursos, projetos, retiros e encontros de formação e pastoral litúrgicas. É autora de vários livros e artigos, tanto no campo acadêmico, quanto no campo pastoral e popular. Durante 18 anos, coordenou o Serviço Arquidiocesano de Pastoral Litúrgica da Arquidiocese de Ribeirão Preto. Foi professora de teologia e pastoral litúrgica na PUC de Campinas, membro da equipe dirigente do Centro de Liturgia (São Paulo), onde continua lecionando no Curso de Atualização e nas Semanas de Liturgia. É professora visitante do Mestrado Profissionalizante em Liturgia do IEPG (Instituto Ecumênico de Pós-graduação em Teologia), da EST (Escola de Teologia) de São Leopoldo. É articulista e membro do conselho de redação da Revista de Liturgia, São Paulo, desde 1972; membro e co-fundadora da ASLI (Associação dos Liturgistas do Brasil) e da CELEBRA, Rede de Animação Litúrgica. Confira a entrevista.

## IHU On-Line - Como o símbolo da luz aparece no rito da vigília pascal?

**Ione Buyst** - A vigília pascal é celebrada no sábado à noite, ou de madrugada. A primeira parte desta celebração é uma “liturgia da luz”, realizada de preferência fora do local de celebração. No escuro, apenas iluminada com o brilho da lua cheia, a comunidade cristã acende o fogo novo. Onde isso é possível, costuma-se fazer uma fogueira e todas as pessoas participantes ficam ao redor, observando, vendo como o clarão do fogo ilumina a noite. Depois de uma breve motivação, indicando o sentido da vigília, faz-se a bênção do fogo e, em seguida, o Círio Pascal é trazido e pode ser “preparado” com várias inscrições que indicam o sentido desta grande vela para nós: simboliza a luz de Cristo ressuscitado que dissipa as trevas de nosso coração, de nossa mente, de nossa vida e da vida do “mundo”. Com a aclamação *Eis a luz de Cristo...*, repetida três vezes, solenemente, com o Círio Pascal erguido, inicia-se a procissão, enquanto todos acendem sua vela pequena ao grande Círio pascal. O cortejo luminoso avança, abrindo ala no meio da escuridão; faz-nos lembrar como no relato do êxodo do povo judeu da escravidão do Egito uma coluna de fogo ia à frente iluminando e mostrando o caminho. Chegando no lugar da celebração, é cantado o “*Exulte*”, a solene proclamação da páscoa, entre luzes e incenso. É exaltada a “noite mil vezes feliz”, recordando os momentos fortes da história da salvação, desde a saída da escravidão no Egito, até a noite em que Cristo “saiu” do reino da morte e abriu um caminho de esperança para quem está nas “trevas” do sofrimento, da desesperança, da dúvida.

As estrofes cantadas pelo diácono ou outro ministro são intercalados por vibrante aclamação cantada por todo o povo reunido, de velas acesas nas mãos, bendizendo o Cristo ressuscitado: *Bendito seja o Cristo Senhor, que é do Pai imortal esplendor*. Portanto, o jogo de trevas e luz, escuridão da noite e velas acesas, junto com o Círio Pascal, torna-se para nós, cristãos, *símbolos* de Cristo Ressuscitado que passou pelas trevas da perseguição, da tortura e da morte, mas que

saiu de tudo isso vitorioso, pela graça de Deus. É com este simbolismo que expressamos e reforçamos nossa fé e nossa convicção de que o mal e a morte, a corrupção, as crises pessoais e sociais, a crise econômica e crise ecológica não têm a última palavra. Vale a pena apostar na mudança para um “outro mundo possível” e trabalhar para que ele aconteça.

## IHU On-Line - E quanto ao símbolo da água, como ele aparece?

**Ione Buyst** - Depois da liturgia da luz, participamos de uma longa “liturgia da Palavra”, na qual ouvimos relatos fun-

**“O Círio Pascal é trazido e pode ser ‘preparado’ com várias inscrições que indicam o sentido desta grande vela para nós: simboliza a luz de Cristo ressuscitado que dissipa as trevas de nosso coração, de nossa mente, de nossa vida e da vida do ‘mundo’”**

dantes de nossa fé cristã, como a criação do cosmos, a saída da escravidão do Egito e outros, tudo isso intercalado com salmos e orações e desemboçando na proclamação solene do evangelho da ressurreição introduzido pelo festivo canto do “aleluia”. Somente depois de termos ouvido e comentado estes relatos estamos preparados para a “liturgia da água”, na qual novos membros serão introduzidos na comunidade pelo batismo, “banho na água e no Espírito”, e na qual toda a comunidade de fé renovará suas promessas batismais e será aspergida com a água

batismal. Nesta liturgia, o centro é a fonte batismal, um poço de água (ou na falta dele, uma pia) na qual serão mergulhados (ou molhados) os que se prepararam durante longo tempo para este momento. Uma oração proclamada sobre a água aponta o sentido que ela tem para a comunidade cristã. Num primeiro momento, são recordados episódios bíblicos referente à água: o Espírito que pairava sobre as águas na criação do mundo, a família de Noé salva do dilúvio, o Mar Vermelho que se abriu em duas alas para o povo de Israel passar “a pé enxuto”, Jesus “ungido” pelo Espírito Santo ao ser batizado por João Batista no rio Jordão, o sangue a água escorrendo do lado de Jesus morrendo na cruz, os apóstolos sendo enviados por Jesus a todos os povos para fazer discípulos e batizá-los. Em seguida, é invocada a força do Espírito Santo sobre a água, para que as pessoas que nela forem mergulhadas (“sepultadas”, segundo a expressão de São Paulo na carta aos Romanos 6,4) ressurrejam com ele para uma vida nova.

## IHU On-Line - De que forma os cristãos se valem desses símbolos para falarem de vida, de ressurreição?

**Ione Buyst** - Fogo e luz, assim como água, entram na liturgia pascal como elementos da ação ritual. Seu sentido simbólico cristão parte da base antropológica (fogo e luz que iluminam; água na qual se pode afogar a não ser que alguém venha em nosso socorro e nos salve), mas – como vimos acima, ao falar da oração sobre a água – são os textos bíblico-litúrgicos que definem seu sentido cristão, sua eficácia sacramental, ou seja, aquilo que pretendem realizar nos participantes. No fim das contas, todos os símbolos e ações simbólicas na liturgia cristã se referem a Jesus Cristo. Não apenas falam *sobre* Jesus, mas estabelecem um encontro, uma relação. No caso da vigília pascal, todos os elementos rituais, num grande jogo simbólico, não apenas *narram* a páscoa-passagem de Jesus da morte para a vida, mas possibilitam *nosssa participação* nesta superação de todas as “mortes”, ainda que passando por elas. Muito mais abrangente que o discurso racional, a linguagem simbólica é

uma linguagem “total”, que atinge o ser humano em sua totalidade: seu corpo, mente, coração, espírito. Trabalha com elementos cósmicos e culturais, com leituras e orações, com canto e música, com gestos e movimentos do corpo. Envolve todos os nossos sentidos, e através deles, nossa compreensão intelectual, nossa imaginação, nossa afetividade, nosso “sonho”, nossas “utopias”...

**IHU On-Line - Como o significado sagrado das águas pode inspirar os seres humanos a respeitarem mais a natureza e viverem em harmonia com o cosmos?**

**Ione Buyst** - Em qualquer tradição cultural, a ação ritual transmite e “imprime” a seu modo nos participantes a visão de mundo daquela comunidade de culto. Mas, para que isto seja percebido e tenha efeito em nossa maneira de viver, é necessário que as ações litúrgicas não sejam realizadas de forma rotineira, mecanicamente. Há uma maneira de derramar a água do batismo que desperta para o senso do sagrado, e há outras que a banalizam. O significado sagrado aparecerá antes de tudo pela maneira como tratamos a água na ação ritual: com admiração, respeito e gratidão, porque é maravilhosa, é bonita, é um dom de Deus. Isso transparece na maneira como a carregamos, olhamos, tocamos, derramamos, aspergimos... Também os textos bíblico-litúrgicos, as preces e os cantos nos ajudam a admirar e valorizar a água, contanto que tenhamos olhos, ouvidos e sentidos abertos e atentos para perceber aquilo que a liturgia nos “diz” e faz acontecer.

Além disso, é necessário aprofundar e partilhar o fundamento teológico da sacralidade da água, assim como de outros elementos cósmicos usados na liturgia. Será preciso ir à raiz do caráter *sacramental* do próprio cosmos. Alguns autores, como Thomas Berry<sup>1</sup> e Brian Swimme,<sup>2</sup> propõem que apliquemos ao cosmos o conceito de

1 Thomas Berry (1914): padre católico, historiador e ecoteólogo, bem como cosmólogo e geólogo, considerado autoridade em Teilhard de Chardin. (Nota da IHU On-Line)

2 Brian Swimme: cosmólogo matemático, diretor do Centro de História do Universo no Instituto Californiano de Estudos Integrals. É autor de inúmeros livros de cosmologia, evolução e religião. (Nota da IHU On-Line)

“sacramento primordial”, e assim colaboremos na conscientização dos participantes da liturgia cristã do fato que fazemos parte do cosmos e do dever sagrado de preservar a vida em todas as suas formas. Trata-se de — a partir da ação ritual — ajudar na superação da atitude antropocêntrica e dualista em relação ao cosmos e levar a um compromisso com a preservação da natureza, do planeta, da vida em todas as suas formas.

Não se deve “invadir” o momento

**“Que sentido teria celebrar o Deus da vida, o Deus Criador, o Filho Redentor que veio restaurar o projeto do Pai, o Espírito Santo vivificador e não colaborar para a sobrevivência do planeta e da vida na terra, ameaçada pela ganância e a falta de responsabilidade dos seres humanos?”**

da celebração com discursos sobrepostos, como tantas vezes acontece. A liturgia tem, se bem preparada e celebrada, a capacidade de levar seus participantes a uma atitude respeitosa não somente para com Deus e para com as outras pessoas, mas também para com os objetos e os elementos da natureza usados na celebração, exatamente porque, de alguma forma, o próprio Deus se revela neles. Que sentido teria celebrar o Deus da vida, o Deus Criador,

o Filho Redentor que veio restaurar o projeto do Pai, o Espírito Santo vivificador e não colaborar para a sobrevivência do planeta e da vida na terra, ameaçada pela ganância e a falta de responsabilidade dos seres humanos?

**IHU On-Line - Falar do divino e de suas simbologias, juntamente com o significado da Paixão de Cristo, pode nos fazer recuperar o sentido originário da Páscoa? Por quê?**

**Ione Buyst** - O sentido originário da páscoa está *inscrito* nos ritos. É preciso redescobrir sua linguagem, mais parecido com a linguagem da arte do que com a linguagem de um discurso racional, explicativo. Não se trata, portanto, de *falar sobre* o divino, os símbolos, o significado dos ritos (pelo menos não durante a celebração). Não é possível “explicar” os símbolos. Isso simplesmente os destrói! Ao contrário, é preciso como que colocar a razão discursiva entre parênteses e... ver, ouvir, sentir, apalpar, cheirar... e a partir daí perceber o significado profundo para nossa vida, relacionado com a fé, no caso, relacionado com o mistério pascal (vida, paixão, morte-resurreição) de Jesus Cristo. O sentido do Paixão e da Páscoa é transmitido pela participação consciente, ativa, mística, plena, frutuosa... das ações rituais do tríduo pascal. É preciso, então, entrar no ‘jogo’ ritual, participando ativamente, conscientemente, integralmente, holisticamente... Mas isso se aprende na iniciação e nós perdemos a prática da iniciação cristã. É urgente recuperá-la, começando com os ministros que deveriam ser os iniciadores.

**IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?**

**Ione Buyst** - Penso que devemos investir na formação da sensibilidade simbólica, poética, espiritual, mística, desde o âmbito familiar à formação acadêmica, desde a catequese para todas as idades (em forma de catecumenato), aos responsáveis pela condução dos ritos litúrgicos. É urgente reformular a metodologia do estudo dos sacramentos, iniciando com a análise ritual de sua liturgia (ritos, preces, ações simbólicas e textos bíblicos, espaço litúrgico e canto), ou seja, integrando liturgia, teologia e espiritualidade, re-

## Páscoa e a humanização do mundo

Para o padre Leomar Brustolin, a paixão de Cristo hoje implica em solidariedade e compromisso com as vítimas. E, para isso, explica, será preciso vencer a apatia diante da dor do outro

POR GRAZIELA WOLFART E MÁRCIA JUNGES

O sentido da morte de Jesus “abrange toda a realidade humana alienada de diferentes formas pela força do mal. Para falar da paixão de Jesus Cristo hoje, portanto, será preciso encontrar o significado dessa morte para nós”. A análise é do padre Leomar Brustolin, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line. Em suas respostas, ele declara que “a beleza sempre nova da Páscoa, a passagem para as primaveras da vida, a libertação das amarras do presente e a ressurreição que dá sabor ao cotidiano ficam escondidas e somente são acolhidas por aqueles que esperam um tempo novo, um outro mundo possível”. Refletindo sobre o significado da Páscoa em nossos dias e sobre a importância de Jesus Cristo, Brustolin considera que “o que dá sentido à morte de Jesus é a sua total fidelidade ao Pai e ao seu projeto de salvação. A cruz é o fim de um processo”. E completa: “Seguir Jesus hoje significa não temer a estranheza entre o Evangelho e o estilo excludente de vida que se impõe entre nós”.

Leomar Antônio Brustolin é pároco da Catedral Diocesana de Caxias do Sul. Possui graduação em Teologia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, mestrado em Teologia, pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), em Belo Horizonte, e doutorado em Teologia, pela Pontifícia Università San Tommaso, em Roma, Itália. Atualmente, é professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, onde é coordenador do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Teologia. De sua autoria, destacamos: *Quando Cristo vem... a Parusia na Escatologia Cristã* (2. ed. São Paulo: Paulus, 2001), *Maria, símbolo do cuidado e Deus* (São Paulo: Paulinas, 2004), *Antonio Francisco. Caminho de fé. Livro do catequizando* (São Paulo: Paulinas, 2006) e *A fé cristã para catequistas* (São Paulo: Paulinas, 2008). Ele estará presente na Unisinos hoje, dia 06 de abril, participando do evento de Páscoa promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU, com a palestra “A paixão de Cristo hoje”. Confira a entrevista.

### IHU On-Line - O que significa, hoje, a Paixão de Cristo?

**Leomar Brustolin** - Vivemos num mundo marcado tanto pela beleza, pelo conforto e pelo prazer, quanto pela dor, pelo vazio e pelo mal. O sofrimento, entretanto, questiona o sentido da vida. Queremos justificar a presença intrusa do mal buscando seus responsáveis. Muitas vezes, a procura dos culpados nos faz esquecer das vítimas. Nem sempre é possível identificar a causa da dor. Em alguns casos pode ser o resultado de um processo violento cometido livre e conscientemente por grupos ou indivíduos. Assim se conhece a paixão causada em

Auschwitz,<sup>1</sup> Hiroxima<sup>2</sup> e Nagasaki.<sup>3</sup> Ou

<sup>1</sup> **Auschwitz:** Localizado na cidade de Cracóvia, na Polônia, foi o maior e mais cruel campo de concentração do regime de Hitler. Calcula-se que, em suas câmaras de gás e crematórios, foram assassinadas por volta de um milhão de pessoas. Em 1944, no auge do Holocausto, morriam seis mil pessoas por dia. Auschwitz tornou-se sinônimo do genocídio contra os grupos perseguidos pelos nazistas. Em 27 de janeiro de 1945, os soviéticos libertaram os presos deste campo de extermínio. (Nota da IHU On-Line)

<sup>2</sup> **Hiroxima:** capital da província japonesa da região de Chugoku, na ilha de Honshu, Japão. Foi bombardeada em 6 de agosto de 1945 por uma bomba atômica, no final da Segunda Guerra Mundial, pela Força Aérea dos Estados Unidos da América, por ordem do presidente Harry S. Truman. (Nota da IHU On-Line)

<sup>3</sup> **Nagasaki:** capital da província de Nagasaki. Em 9 de agosto de 1945, foi bombardeada pela segunda bomba atômica lançada pelos EUA.

tras vezes, pode ser o que resulta da injustiça social. É o caso da fome e do desemprego causados pelo sistema econômico. Pode ser também a paixão de sentimentos enlouquecidos que matam o outro. Como o ocorrido com a menina Eloá, em São Paulo, mantida em cárcere privado e assassinada pelo namorado. Pode ser até a paixão da natureza destruída pela intervenção humana. Veja-se a situação da Amazônia brasileira. Enfim, pode ser também a fatalidade da vida que está sujeita aos acidentes naturais. Esse foi o mal experimentado pelas vítimas do tsunami, a onda gigante gerada por distúrbios sísmicos, que possui alto poder destrutivo quando chega à região

(Nota da IHU On-Line)

costeira.

Como falar da paixão de Cristo diante de realidades tão plurais? Poderíamos escolher um tipo de sofrimento para especificar o acontecido com Jesus: o martírio, que é uma dor provocada por uma causa defendida. Certamente, esse tipo de sofrimento remete a Jesus Cristo, mas o mistério da paixão vai além desse âmbito. O sentido de sua morte abrange toda a realidade humana alienada de diferentes formas pela força do mal. Para falar da paixão de Jesus Cristo hoje, portanto, será preciso encontrar o significado dessa morte para nós. Ora, o próprio Cristo na cruz não resolveu o problema do sofrimento inocente e nem respondeu a todos os enigmas que a morte impõe. Mais do que explicar e responder às indagações da existência, Jesus Cristo apresenta-se como Presença entre os sofredores e como solidariedade para as vítimas que o mal produziu. Durante sua crucificação, Jesus pede que o Pai perdoe seus algozes, porque, diz ele: “não sabem o que fazem”. A irracionalidade da morte de Cristo faz com que ele mesmo perdoe, pois, para ele, mais importante do que encontrar os culpados e condená-los é derrotar o mal. Sua perspectiva de salvação supera tudo. A compaixão do Deus de Jesus Cristo não explica o padecimento. O Deus cristão, porém, não fica imparcial diante da ação do mal, ele toma posição solidária ao sofredor e julga, assim, o causador do mal, seja quem for. A paixão de Cristo hoje, então, implica em solidariedade e compromisso com as vítimas. Para isso, será preciso vencer a apatia diante da dor do outro. Será preciso amar, interessando-se pela dor do outro. É como escreve Erico Veríssimo<sup>4</sup>: o oposto do amor não é o ódio, mas sim a indiferença.

#### **IHU On-Line - Quais são as grandes lições existenciais e espirituais da Paixão de Cristo?**

<sup>4</sup> Erico Veríssimo (1905-1975): escritor gaúcho, autor de dezenas de obras importantes, como *Ana Terra* (26. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1987), *Um certo capitão Rodrigo* (12. ed. Porto Alegre: Globo, 1985), *O tempo e o vento* (44. ed. São Paulo: Globo, 2001) e *Incidente em Antares* (49. ed. São Paulo: Globo, 1997). Sobre ele, a IHU On-Line publicou a edição 154, de 05-09-2005 intitulada *Erico Veríssimo. Vida, obra e atualidade*. De 12 a 14 de setembro daquele ano, aconteceu o Seminário Erico Veríssimo: vida, obra e atualidade. (Nota da IHU On-Line)

**Leomar Brustolin** - A sentença de morte não surgiu de repente na vida de Jesus. Ela foi o preço que Cristo pagou por sua opção pelo Reino de Deus e sua justiça. O que dá sentido à morte de Jesus é a sua total fidelidade ao Pai e ao seu projeto de salvação. A cruz é o fim de um processo. Pode-se dizer que a grande lição do martírio de Cristo é a da prova de amor pela vida. Ele veio para que todos tenham vida em abundância (Jo 10,10). Contudo, por defender a vida ameaçada, foi assassinado. Hoje, da mesma forma, o seguidor de Jesus há de colocar-se ao lado de todos que perdem seus direitos de viver. Essa tarefa há de ser uma causa coerente que cuide da vida, desde o seu início até o seu fim natural.

Outra lição que aprendemos com Jesus é que o amor subverte nosso pensar e nosso agir. Quem segue o Crucificado não

### **“Queremos justificar a presença intrusa do mal buscando seus responsáveis. Muitas vezes a procura dos culpados nos faz esquecer das vítimas”**

pode reear o escândalo da cruz. Para os judeus, a morte de cruz era um sinal de maldição. Pela lei judaica, um homem crucificado era expulso do povo, maldito por Deus. Mas a cruz de Jesus não é a imagem do seu fracasso. Muito pelo contrário, ela é a imagem da maior prova do amor de Deus pelos homens: “Não existe amor maior do que dar a vida pelos amigos!” (Jo 15,13). Na cruz, o Filho de Deus sofre e morre pelos últimos deste mundo: os pobres e injustiçados, doentes e rejeitados, mulheres marginalizadas, pecadores e prostitutas. Todos amigos de Jesus que o Pai ama e quer resgatar. Seguir Jesus hoje significa não temer a estranheza entre o Evangelho e o estilo excludente de vida que se impôs entre nós.

Finalmente, é preciso ver que no meio da cruz, brilha a luz. Não existe noite que impeça a aurora. Quiseram matar o Nazareno da forma mais vergonhosa possível, para acabar com Ele e a obra que havia iniciado. Porém, essa “hora das trevas” já havia sido anunciada pelo próprio Jesus diversas vezes. Através da sua paixão e morte, o Cristo manifestaria sua glória ao mundo. Para os cristãos, a cruz do Senhor é a verdadeira “árvore da vida”. Neste sentido, o sofrimento, a incompreensão, a perseguição e tudo que possa parecer a hora das trevas do cristão neste mundo está galvanizado de uma esperança maior: a ressurreição.

#### **IHU On-Line - Como a Paixão pode inspirar a nós, homens e mulheres da pós-modernidade, a cultivarmos nossa espiritualidade e solidariedade?**

**Leomar Brustolin** - O amor revelado sobre a cruz indica para todos – crentes e não-crentes que estão em busca da verdade – o bem que salva e se oferece como luz e força também para superar os tormentos do mal. O cristão deve ser, ao mesmo tempo, empenhado e desempenhado, cidadão da terra e do céu, plenamente disponível a cooperar para humanização do mundo e também crítico para esperar a novidade do reino que há de vir. Esta esperança o faz olhar sempre além das realizações. Empenhado, deve ajudar a produzir um futuro melhor para o mundo, mas, ao mesmo tempo, disponível, para acolher o dom de Deus que traz a consumação das esperanças humanas. A descontinuidade existente entre o progresso humano e o avanço do Reino de Deus no mundo apresenta estas exigências imprescindíveis. Isto não implica num dualismo na história (sagrada-profana), nem incompatibilidade, mas profundo realismo na avaliação das realidades terrestres. A evangelização cristã introduz no mundo um espírito novo que resgata e exalta valores e esperanças em vistas de um processo de humanização.

#### **IHU On-Line - De que forma a Parusia de Cristo serve como uma fonte de inspiração para nossa atitude frente aos semelhantes e para a relação que temos com o cosmos?**

**Leomar Brustolin** - O que mais ameaça a esperança é a crise. Esta faz com que

se perca a confiança no tempo, pois não se sabe mais se haverá futuro. Perde-se a confiança na terra, porque se assiste uma desmedida exploração dos recursos naturais. Perde-se a confiança na humanidade quando se conhece os constantes extermínios que dizem populações inteiras. A reação à crise se manifesta de diferentes formas, principalmente com o retorno do sagrado, não tanto para recuperar a esperança no futuro, quanto para resgatar terapêuticamente o presente. A crise de sentido possibilita refletir o presente da história na perspectiva de quem deseja “construir a esperança”. Para tanto, será necessário resgatar os enfoques teológico, antropológico e ecológico numa perspectiva de parusia.

A primeira exigência para uma práxis da esperança é esperar em Deus sem triunfalismos. O messianismo moderno assegurava: unidos a Deus, dominaremos a terra e com Cristo julgaremos os povos. Esse sonho entrou em crise porque não foi capaz de perceber que Deus não vem em nosso poder, mas em nosso sofrimento, mediante do seu Espírito vivificador.

Na dimensão antropológica, é preciso avaliar o projeto moderno de ser humano, convencido de que os homens são criados livres e iguais, e que a liberdade, a igualdade e a fraternidade estão estreitamente ligadas entre si. Isso tudo, no entanto, tornou-se apenas uma promessa jurídica e institucional que espera sua concretização. Ora, a esperança cristã supõe fraternidade e solidariedade numa humanidade que, queira ou não, terá um fim comum. Todas as raças e culturas, povos e nações participarão da glória de Deus. Nela, a convivência livre, igual e fraterna será realidade para todos que entrarem na comunhão da pátria trinitária, sem exclusão, discriminação ou castas.

Finalmente, a questão ecológica há de fazer-nos mais atentos à Terra. O projeto da civilização técnico-científica sacrificou muitas vidas, espécies e ecossistemas. O caminho tende à catástrofe planetária. E diante do iminente caos apocalíptico, a esperança parusíaca tem uma palavra para o hoje da terra. A preservação do ambiente e da vida humana não pode ser apenas em vistas de um

futuro remoto. O tempo da salvação da terra é o presente. É hoje que se deve agir como se o futuro inteiro do gênero humano estivesse nas mãos da atual geração.

### **IHU On-Line - A vida de Cristo ainda pode ser compreendida como um grande exemplo a ser seguido em nossos dias?**

**Leomar Brustolin** - Sim, a vida de Cristo, relatada pelos evangelistas, não exclui ninguém do convívio com Jesus. Hoje, como outrora, é preciso acolher essa Boa Nova que chega como apelo específico para cada pessoa na sociedade. O Evangelho de Jesus apresenta duas tarefas: se, de um lado, anuncia a Boa Nova aos pobres (Lc 4,18), a quem pertence o Reino de Deus (Mt 5,3), de outro, é um forte apelo de conversão aos ricos (Mt 6,24). A primeira coisa que o rico deve fazer diante da aproximação do Reino é reconhecer a própria pobreza, para inserir-se na comunhão com os pobres.

Converter-se significa viver na antecipação de um Reino de Deus que nos precede, e que realiza uma reviravolta da violência para a justiça, do isolamento à comunhão, da morte, para a vida. A conversão possibilita o seguimento de Jesus a homens e mulheres que representam um novo mundo que virá. Esta comunidade, nos primeiros tempos do cristianismo, era composta de pobres e ricos, de tal modo que estes últimos exercitavam o dever da misericórdia no confronto com os necessitados.

### **IHU On-Line - Nesse sentido, o que significa ser cristão hoje?**

**Leomar Brustolin** - Os cristãos são “paroquianos” no mundo. Os paroquianos eram, no ambiente grego e romano, aqueles estranhos que passavam por algum território, aí se detinham um pouco, para em seguida prosseguirem a caminhada. Os cristãos sentem-se estrangeiros que vivem em terra estranha, porque já sabem que existe a pátria verdadeira e degustam das forças do mundo que virá. Eles vivem numa realidade nova dentro da velha e atual. Onde se perde a presidência do futuro, decai-se na administração do passado, na institucionalização repetitiva sem criatividade. Esperar o futuro é já permear o presente de uma

força que renova o sentido da vida.

Contra todo desespero e ilusão, será necessário seguir criando e trabalhando por um mundo melhor. Apesar dos impérios da morte, da potência dos grupos violentos e das propostas que favorecem uma minoria mundial, o cristão não pode deixar de profetizar em favor da vida, da dignidade humana e da preservação do cosmos. A Páscoa há de possibilitar sonhar, como Isaías, esperando o novo céu e a nova terra. Há de proporcionar o início de um tempo onde justiça e paz se abraçam como canta o salmista. Há de valorizar, defender e conservar o grande cenário que é o universo, no qual a aventura da vida se expressa e se sustenta.

### **IHU On-Line - O significado da Páscoa se perdeu em nossos dias?**

**Leomar Brustolin** - Páscoa é passagem. Os povos antigos de cultura agrícola a celebravam como a saída do inverno e a chegada da primavera. Os judeus celebram a passagem da escravidão para a libertação, conforme o relato do êxodo. Nós, cristãos, celebramos a passagem da morte para vida realizada na cruz e ressurreição de Jesus. Ora, em toda celebração pascal há uma dinâmica que impulsiona o ser humano para uma condição nova, desconhecida, maior e plena de esperança. É uma flecha que se lança ao futuro. Em nosso tempo, temos eternizado o presente, muitos não querem pensar uma situação nova, apenas desejam melhorar um pouco a atual. Por isso, a festa da Páscoa fica reduzida a feriado religioso que intensifica a economia: o turismo, o chocolate, o bacalhau. O fato de vivermos numa sociedade pós-cristã se traduz nessa resignificação do tempo e da festa. Sexta-feira santa virou a festa do peixe e a Páscoa, a do chocolate. Essa situação, contudo, não chega a abalar as pessoas, até muitos cristãos aderem a essas práticas, sem preocupações com seu real sentido. E a beleza sempre nova da Páscoa, a passagem para as primaveras da vida, a libertação das amarras do presente e a ressurreição que dá sabor ao cotidiano ficam escondidas e somente são acolhidas por aqueles que esperam um tempo novo, um outro mundo possível.

## O que significa e o que não significa “ressurreição”

**A** pedido da IHU On-Line e do escritório da Fundação de Ética Mundial, organicamente inserido no Instituto Humanitas Unisinos – IHU, o teólogo alemão Hans Küng enviou o artigo a seguir, extraído do livro *Credo: a profissão de fé apostólica explicada ao homem contemporâneo* (Porto Alegre: Instituto Piaget, 1992), como uma contribuição para refletir o sentido da Páscoa no século XXI.

Teólogo católico, Küng vive desde 1967 em Tübingen, onde leciona na Universidade. Por suas posições firmes diante de Roma, sofreu duras represálias, que em 1979 culminaram na cassação de sua autorização canônica para lecionar Teologia em instituição superior católica. A partir desse fato, criou o Instituto de Pesquisas Ecumênicas, como unidade autônoma em relação à Faculdade de Teologia Católica. Em 1990, ao encerrar sua carreira na Universidade, Hans Küng lançou o Projeto de Ética Mundial. Recentemente, em setembro de 2005, o papa Bento XVI surpreendeu a opinião pública mundial ao receber Küng para uma longa conversa amigável, na residência de Castel Gandolfo. Também no Brasil, a obra de Küng *Projeto de Ética Mundial. Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana* (São Paulo: Paulinas, 1992) foi marco fundador de uma discussão que, pela premência dos fatos, frutificou rapidamente e continua a angariar apoio. Seguiu-lhe a publicação de *Uma ética global para a política e a economia mundiais* (Petrópolis: Vozes, 1999). A obra mais recente de Hans Küng, traduzida para o português é *O princípio de todas as coisas. Ciências Naturais e Religião* (Petrópolis: Vozes, 2007). A sua última obra intitula-se *Umstrittene Wahrheit. Erinnerungen, München* (Zurich: Piper, 2007), traduzida em várias línguas. A tradução espanhola acaba de ser lançada.

Em visita ao Brasil no mês de outubro de 2007, Hans Küng esteve na Unisinos apresentando seu projeto de Ética Mundial. Na ocasião, a IHU On-Line dedicou uma revista especial sobre a temática, intitulada *Projeto de Ética Mundial. Um debate*. A edição número 240, de 22-10-2007, está disponível no sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)). Confira o artigo.



É claro que os testemunhos mais antigos e mais curtos do Novo Testamento não apresentam a ressurreição de Jesus como uma devolução da vida mundana – portanto, não estabelecem uma analogia com a devolução da vida pela mão dos profetas no Antigo Testamento. Não, do ponto de vista do horizonte de esperança apocalíptico-judaico trata-se nitidamente do enaltecimento do Nazareno assassinado e sepultado por Deus e para junto de Deus, para junto de um Deus que ele próprio chama “Abba”, Pai.

Afinal, o que significa “*Auferwekung*”,<sup>1</sup> uma palavra que transmi-

<sup>1</sup> Este termo é literalmente traduzível por despertar do sono, mas aqui é empregue no sentido lato e objetivo de *ressurreição*. (Nota do tradutor)

“Ressurreição significa positivamente o seguinte: Jesus não morreu para dentro do Nada. Pelo contrário, morreu para dentro de uma realidade última e primeira, inconcebível, englobante”

te uma imagem, que significa literalmente despertar do sono? Agora posso responder resumidamente à pergunta:

- Ressurreição não significa o regresso a esta vida espaço-temporal. A morte não é anulada (não se trata da animação de um cadáver). Pelo contrário, a morte é definitivamente

superada. Trata-se da entrada numa vida totalmente diferente, imperecível, eterna, “celestial”. A ressurreição não é um “fato público”.

- Ressurreição não significa uma continuação desta vida espaço-temporal. O fato de se falar em “depois” da morte é enganador; a eternidade não é determinada por um antes

nem por um depois temporais. Pelo contrário, significa uma nova vida na esfera de Deus, invisível, incompreensível, que rompe com as dimensões de espaço e tempo, simbolicamente designado por “Céu”.

- Ressurreição significa positivamente o seguinte: Jesus não morreu para dentro do Nada. Pelo contrário, morreu para dentro de uma realidade última e primeira, inconcebível, englobante. Foi recebido por essa realidade verdadeira a que chamamos Deus. O que espera o Homem ao encontrar o seu *Eshaton*, o fim da sua vida? Não o Nada, mas sim Tudo, isto é, Deus. O crente sabe desde então que a morte é a passagem para Deus, é a retirada para junto de Deus, nesse domínio que supera todas as ideias, que nenhum Homem alguma vez viu, alheio ao nosso toque, entendimento, reflexão e fantasia! A palavra mistério é bem empregue para descrever a ressurreição para a vida nova, porquanto se trata do domínio primordial de Deus.

Dito de outro modo, a fé dos discípulos é – tal como a morte de Jesus – um acontecimento histórico (apreensível por meios históricos); por sua vez, a ressurreição através de Deus para a vida eterna não é um acontecimento histórico, visível e imaginável, nem biológico. Todavia, trata-se de um acontecimento real na esfera de Deus. O que significa isto? O que significa “viver”? Um olhar para o quadro da ressurreição de Grünewald<sup>2</sup> adverte-nos para o fato de o ressuscitado não ser meramente um outro ser puramente celestial, continua possuindo o corpo e a alma do homem Jesus de Nazaré, o crucificado. E a ressurreição não transforma este homem num fluido indeterminado, fundido com Deus

<sup>2</sup> Mathis Gothart Niethart (Matthias Grünewald - 1470-1528): pintor alemão, precursor do expressionismo e um dos maiores pintores germânicos do gótico tardio. O caráter visionário de sua obra, com sua expressão de linhas e cores, contrasta com seu contemporâneo Albrecht Dürer. (Nota da IHU On-Line)

“O caráter físico da  
ressurreição não  
exige – nem outrora  
nem hoje – que o corpo  
morto seja reanimado.  
Pois, Deus ressuscita o  
Homem numa nova  
forma, inimaginável,  
como consta do  
paradoxo de Paulo:  
como ‘soma  
pneumatikón’, de  
‘caráter  
físico-espiritual’”

e com o universo. Este homem permanece também na vida de Deus, o homem determinado, inconfundível que foi, porém, sem as limitações espaço-temporais da sua figura mundana! Daí a transição do seu rosto para pura luz em Grünewald. Segundo os testemunhos das escrituras a morte e a ressurreição não anulam a identidade da pessoa, mas preservam-na numa forma inimaginável, transformada, numa dimensão completamente diferente.

A consequência? Atualmente para nós, com formação científica, tem que se falar claramente. Para que a identidade da pessoa seja preservada, Deus não necessita dos restos físicos da existência mundana de Jesus. Estamos perante a ressurreição para uma forma de existência totalmente diferente. Talvez a posamos comparar com a existência das borboletas, que saem do casulo da lagarta. Tal como esse ser vivo

deixa a velha forma de existência (“lagarta”) e aceita uma nova forma de existência inimaginável, liberta e leve (“borboleta”), assim podemos imaginar o processo de transformação de nós mesmos através de Deus. Uma imagem. Não estamos obrigados a qualquer tipo de ideias fisiológicas de ressurreição.

Afinal a ressurreição está ligada a quê? Não ao substrato constantemente a mudar ou aos elementos deste corpo particular, mas sim à identidade dessa pessoa inconfundível. O caráter físico da ressurreição não exige – nem outrora nem hoje – que o corpo morto seja reanimado. Pois, Deus ressuscita o Homem numa nova forma, inimaginável, como consta do paradoxo de Paulo: como “soma pneumatikón”, de “caráter físico-espiritual”. Com estas palavras, de fato, paradoxais, Paulo pretendia transmitir-nos simultaneamente as seguintes duas mensagens: continuidade – porque o “caráter físico” representa a identidade da pessoa até ao momento, que se desfaz, como se a história vivida e sofrida até ao momento se tivesse tornado irrelevante – e, simultaneamente, descontinuidade – porque o “caráter espiritual” não representa simplesmente a continuação ou a reanimação do antigo corpo, mas sim a nova dimensão, a dimensão do infinito, que depois da morte de tudo o que é finito se transforma, tem seu efeito.

#### LEIA MAIS...

>> Hans Küng concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. Elas estão disponíveis na nossa página eletrônica ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)).

Entrevistas:

\* *Jesus Cristo: A alegre e agradável mensagem de uma nova liberdade*. Entrevista publicada em 21-12-2006;

\* *A dignidade humana em primeiro plano, a base da moral da Ética Mundial*. Entrevista publicada em 20-10-2007;

\* *A dignidade humana em primeiro plano, a base da moral do Weltethos*. Edição número 240, de 22-10-2007, intitulada *Projeto de Ética Mundial. Um debate*.

## “Um mundo novo é possível porque Jesus ressuscitou e caminha conosco”

Sempre que no cotidiano conseguimos passar de uma situação difícil para uma situação melhor, realizamos Páscoa, acredita Antonio Cechin

POR GRAZIELA WOLFART

**P**ara o irmão marista e militante dos movimentos sociais Antonio Cechin, “Páscoa é passagem da morte para a Vida, da escravidão para a libertação”. Na entrevista que concedeu por e-mail para a IHU On-Line, ele defende que, “se os cristãos no mundo de hoje, enraizarem firmemente a sua fé em Jesus Cristo e se empenharem na luta por um mundo melhor, passaremos de um mundo capitalista, individualista, egoísta, desumano, de violência institucionalizada, para um mundo mais humano, fraternal, cooperativo, solidário, de paz”. E dispara: “A mão invisível da Providência realizou o milagre do tomo do capitalismo. O grande dilema em que estamos mergulhados neste momento é consertar o capitalismo ou inaugurar um mundo novo que é inteiramente possível. Essa é a grande esperança com que vamos embalados para as festas de Páscoa que se aproximam”.

Antonio Cechin formou-se em Letras Clássicas e em Direito, pela PUCRS, onde também foi professor. Fez sua pós-graduação no Centro de Economia e Humanismo, em Paris. Iniciou na Instituição Católica de Paris a especialização em catequese, quando foi chamado para o Vaticano, na Sagrada Congregação dos Ritos, no início da década de 1960. Depois, retornou ao Brasil e iniciou a luta junto aos movimentos sociais. Sua obra está centrada no seu ativismo mais do que na sua elaboração intelectual, e voltada para manuscritos e artigos. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Para o senhor, celebrar a Páscoa em pleno século XXI o que significa? Qual o significado do sentido da morte e ressurreição de Jesus Cristo para o contexto sociocultural atual?**

**Antonio Cechin** - Páscoa é passagem da morte para a Vida, da escravidão para a libertação. Sempre que no cotidiano conseguimos passar de uma situação difícil para uma situação melhor, realizamos Páscoa, a exemplo de Cristo que passou da paixão e morte para a Vida e a Ressurreição. “Não há maior prova de amor do que dar a vida por aqueles a quem se ama.” Isso o Homem Jesus de Nazaré falou, isso Ele realizou. O mundo vive estertores de sofrimento e morte. Todos hoje falam em crise, desemprego, violência e morte, com milhões de famintos, doentes, desempregados etc etc. “Não estamos simplesmente vivendo uma época de mudança, mas uma mudan-

ça de época.” Se os cristãos no mundo de hoje, enraizarem firmemente a sua fé em Jesus Cristo e se empenharem na luta por um mundo melhor, passaremos de um mundo capitalista, individualista, egoísta, desumano, de violência institucionalizada, para um mundo mais humano, fraternal, cooperativo, solidário, de paz.

**IHU On-Line - De que maneira podemos relacionar a celebração da Páscoa com o perfil da sociedade e do ser humano contemporâneos?**

**Antonio Cechin** - A humanidade ao longo dos séculos não soube se organizar de maneira fraterna. Foi montado o sistema em que uns poucos usufruem da maior riqueza, enquanto a imensa maioria vive a carência de tudo. Esse sistema capitalista que aí está é intrinsecamente perverso. Depois que a experiência do sistema comunista fracassou, houve quem afirmasse o fim

da História (Fukuyama).<sup>1</sup> Parecia que o capitalismo seria nossa sina perpétua. Porém, a mão invisível da Providência realizou o milagre do tomo do capitalismo. O grande dilema em que estamos mergulhados neste momento é consertar o capitalismo ou inaugurar um mundo novo que é inteiramente possível. Essa é a grande esperança com que vamos embalados para as festas de Páscoa que se aproximam.

**IHU On-Line - Lembrando que o tema da Campanha da fraternidade deste ano é “a paz é fruto da justiça”, de que forma o senhor pensa que podemos celebrar a páscoa em uma sociedade cada vez mais marcada pela violência?**

**Antonio Cechin** - A violência que irrompe por toda a parte, especialmente no

<sup>1</sup> Yoshihiro Francis Fukuyama (1952): filósofo e economista político nipo-estadunidense. Figura chave e um dos ideólogos do governo Reagan, Fukuyama é uma importante figura do Neoconservadorismo. (Nota da IHU On-Line)

mundo urbano, nada mais é do que o fruto da violência institucionalizada do sistema capitalista que já dura centenas de anos. As forças que oprimem os pobres são as mesmas forças que oprimem o planeta Terra, hoje doente. O momento que vivemos hoje no mundo de 2009, às portas da festa da Páscoa, é um verdadeiro “kairós” isto é, um tempo favorável a que todos nos empenhemos em realizar o tão sonhado “mundo diferente” como cantamos sempre por ocasião dos Fóruns Sociais Mundiais “Um mundo novo é possível!”. Já pinta “a paz como fruto da justiça”. Oxalá a Páscoa de Jesus nos ilumine, na linha das páscoas dos índios da “Raposa, Terra do Sol”<sup>2</sup> com sua utopia da “Terra Sem Males”; dos quilombolas que, num dos bairros mais ricos de Porto Alegre, conseguiram suportar a pressão e transformar a área em que viviam desde a abolição em 1888, em assentamento regular; dos lutadores do MST que, apesar da criminalização, ainda estão conseguindo realizar ocupação em cima de ocupação e mantendo suas escolas itinerantes. Um mundo novo é possível porque Jesus Ressuscitou e caminha conosco!

### LEIA MAIS...

>> Antonio Cechin já deu outras contribuições à IHU On-Line. Elas estão disponíveis na nossa página eletrônica ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu))

\* *A historiadora-professora Sandra Pesavento e a História pelo Reverso*. Artigo publicado nas *Notícias do Dia*, de 31-03-2009;

\* *Porto Alegre, 26 de março de 1772 a 26 de março de 2009*. Artigo publicado nas *Notícias do Dia* de 27-03-2009;

\* *“A partir do Natal do Menino Jesus, a Esperança não morre nunca mais, porque seremos imortais”*. Entrevista publicada nas *Notícias do Dia* de 05-01-2009.

<sup>2</sup> Raposa Serra do Sol é uma terra indígena homologada a nordeste do estado brasileiro de Roraima, uma das maiores do país com 1.743.089 hectares e 1000km de perímetro. A identificação da terra indígena foi feita em 1993 pela FUNAI, demarcada durante o governo de Fernando Henrique Cardoso e homologada em 2005 pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva. A demarcação em área foi validada em julgamento no último dia 20 de março de 2009. A Raposa é formada por uma área dividida entre imensas planícies, semelhantes às das regiões de cerrado, mas conhecidas na região como lavrado; e cadeias de montanhas, na fronteira do Brasil com a Venezuela e Guiana. Na área vivem cerca de 20 mil índios, a maioria deles da etnia macuxi. Sobre a terra indígena, leia várias entrevistas e artigos disponíveis em [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu) (Nota da IHU On-Line)

## Celebrar a Páscoa contemporânea

POR GRAZIELA WOLFART, MÁRCIA JUNGES E PATRÍCIA FACHIN | FOTOS DIVULGAÇÃO

Estamos em pleno século XXI. Dia a dia, nos encontramos cada vez mais submersos no universo da tecnologia, do virtual, da autonomia. Ao mesmo tempo, ao nosso lado, pessoas ainda vivem como se tivesse parado no tempo, enfrentando adversidades de toda a ordem. Esse contraste paradoxal é apenas um elemento de nossa complexa constituição social e cultural atual. No meio de tanto deslumbramento com a técnica e com a ciência, qual o espaço para a reflexão e para a vivência da fé? Qual é a importância dos valores cristãos, principalmente da solidariedade e do amor ao próximo em uma sociedade marcada pelo individualismo e pela autonomia? Na correria de nossos dias, encontrar um tempo para refletir e tentar compreender nosso mundo é mais do que importante — é quase uma questão de sobrevivência.

Nesse sentido, o que significa celebrar a Páscoa hoje? De que maneira podemos relacionar o momento pascal com a crise financeira internacional, com a crise ambiental e com a crise múltipla de valores em que nos encontramos? De que nos serve a reflexão proposta pela CNBB na campanha da fraternidade deste ano: a paz é fruto da justiça? Há sentido em celebrar a Páscoa em uma sociedade cada vez mais marcada pela violência? Qual a contribuição da reflexão da Páscoa para a construção de possibilidades de vida digna do ser humano? A morte e a ressurreição de Jesus Cristo têm algum significado para nosso contexto sociocultural? São questões que motivaram o Instituto Humanitas Unisinos — IHU a organizar uma programação de eventos com atividades que buscarem preparar as pessoas para a Páscoa nesse espírito de insistir na importância da reflexão. Ao mesmo tempo, o IHU quer sentir como a Páscoa pode abrir perspectivas para o debate sobre possibilidades e impossibilidades da narrativa de Deus numa sociedade pós-metafísica, uma vez que o Instituto está organizando um simpósio internacional com este tema, a ser realizado em setembro deste ano.

E por ter a dimensão da complexidade da sociedade contemporânea e por acreditar que celebrar a Páscoa é algo mais do que nunca necessário em nossos dias que a IHU On-Line ouviu pessoas de diversas áreas sobre esse tema. Cada uma delas, do seu ponto de vista e a partir de sua visão de mundo, justifica a importância de lembrarmos a morte e a ressurreição de Cristo e o que isso significa para nossas vidas.

Para a teóloga **Maria Cristina Gianni**, da equipe de Atendimento Espiritual do Instituto Humanitas Unisinos — IHU, festejar a Páscoa tem tudo a ver com o nosso contexto. “Celebramos na Páscoa a ressurreição de um crucificado: Jesus de Nazaré. A páscoa é uma celebração da esperança. Não existe realidade de injustiça e de sofrimento que não possa ser superada pela ressurreição”. Para Cristina, “nosso compromisso como cristãos é viver essa ressurreição para sermos instrumentos, possibilitando que esse renascimento também aconteça onde quer que estejamos: na universidade, no meio do povo, trabalhando pela ecologia. Isso tudo tem sentido, porque quem ressuscitou foi um crucificado”. Cristina destaca que temos hoje, no mundo, “uma natureza que está

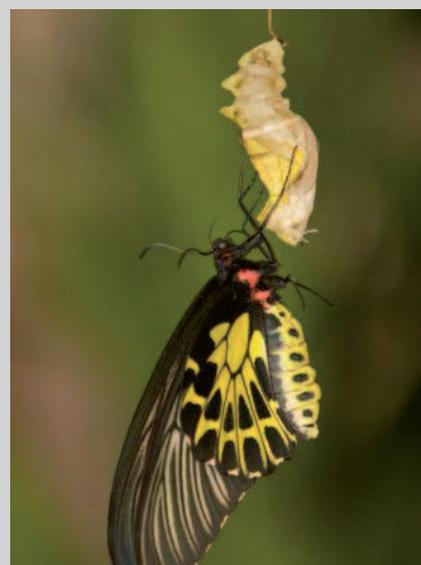
gritando também para ser libertada, que está sofrendo, por nossa causa, por nossas opções equivocadas. Mas temos como reverter isso. Jesus nos mostra que amando até o fim é possível mudar a realidade de nossa vida, de nossa sociedade”.

Já para o frei **Alberto Beckhäuser**, da Ordem dos Frades Menores (OFM), doutor em Teologia com especialização em Sagrada Liturgia, pelo Pontifício Ateneu de Santo Anselmo, em Roma, a dificuldade, e até mesmo “incapacidade da sociedade moderna celebrar a Páscoa”, está arraigada na necessidade de acreditar em Jesus Cristo. Ele explica: “Sem fé em Jesus, não podemos celebrar a Páscoa, pois a Igreja celebra a morte e a ressurreição de Cristo e a morte e ressurreição dos que creem e seguem a Cristo”. Na sociedade moderna e pós-moderna, caracterizada pela razão, eficiência, e “onde o único valor parece ser o gozo momentâneo, a Páscoa virou feriadão, virou faturamento na área financeira do consumo de chocolate, de pescado, ou exploração turística do vago sentimento do religioso, do sagrado”, lamenta o professor de Sagrada Liturgia, do Instituto Teológico Franciscano de Petrópolis, Rio de Janeiro. Nesta mentalidade consumista e hedonista, garante, “é praticamente impossível celebrar a Páscoa, pois carece do seu verdadeiro sentido”. E questiona: “Quem é Jesus Cristo? Ele é um guru qualquer, um profeta, um super-homem?”. Segundo ele, “Jesus não causa mais impacto no homem moderno e pós-moderno escravizado pela razão, a ciência, a técnica e o consumismo. A cultura contemporânea exclui o absoluto, a transcendência, Deus. É uma cultura materialista e atea que coloca sua confiança no próprio ser humano”.

“Páscoa é um evento essencialmente cristão, em uma referência a Jesus de Nazaré, um ser humano histórico que é o verbo de Deus encarnado, pelo qual Deus se fez gente, palmilhou nossos caminhos e viveu e morreu pela causa do Reino.” Esta é a definição que a teóloga e doutora em Teologia **Cleusa**

**Andreatta**, do Programa Teologia Pública do Instituto Humanitas Unisinos – IHU dá para essa época do ano. Nessa perspectiva, **Cleusa** percebe que a Páscoa remete para a dimensão de solidariedade a partir da figura de Jesus. “Nesse tempo de Páscoa, celebramos a ressurreição de alguém que passou a vida inteira fazendo o bem, como está dito nos Atos dos Apóstolos. Parece simples, mas, quando olhamos para a trajetória dele, vemos que é toda pautada pela solidariedade. É uma vida entregue de muitas formas em ações concretas pelas pessoas de seu tempo e, além disso, ensinando para todas as gerações posteriores um jeito de ser humano, um jeito de ser gente ao lado de outras pessoas”, reflete. E acrescenta: “Quando olhamos para a prática de Jesus, vemos aquele sujeito que olha os outros seres humanos e age em favor deles, gasta seu tempo, sua energia, e faz dessa ação em favor dos outros um projeto para a vida inteira. Nesse sentido, a Páscoa tem tudo a ver com o tema da solidariedade, mas uma solidariedade que não é apenas de fazer pequenas ações ou alguns gestos. É a solidariedade feita estilo de vida, internalizada como projeto pessoal. É o ato de dar a vida pelo outro por amor. Quem celebra a Páscoa se dispõe a andar nesse caminho, a assumir como estilo próprio algo da prática de Jesus”. E a teóloga encerra sua reflexão identificando como um problema a transformação cultural que vem acontecendo, por meio da qual “vamos perdendo toda a referencialidade desse dado central da vida, morte e ressurreição de Cristo e o que isso significa nesse contexto de Páscoa. Às vezes nos espiritualizamos demais e perdemos essa vinculação com o projeto do Reino como ele é entendido”.

Celebrar a Páscoa em nossos dias significa recuperar os laços da humanidade e da solidariedade que sempre precisamos construir entre nós. Isso se vincula permanentemente com a busca que a sociedade faz de compreender a vida e a verdade, pontua o historiador **Solon Viola**, professor da Unisinos. Em





conversa por telefone com a IHU On-Line, ele sustenta que a solidariedade não é oposta à autonomia do sujeito: “Somos solidários na medida em que decidimos e agimos em direção ao outro, e em reconhecimento desse outro. Nessa dimensão nos humanizamos. Somos seres sociais que precisam radicalmente uns dos outros. Parece-me que, quando o individualismo se opõe à solidariedade, comete-se um equívoco brutal em relação aos seres humanos”. O filósofo **Alfredo Culleton**, também docente na Universidade, pondera que hoje é tarefa difícil celebrar a Páscoa fora do jogo do consumo, “dos presentinhos, ovinhos, festas, de comer peixe na Sexta-Feira Santa”. Para ele, celebrar a Páscoa em seu verdadeiro sentido é “tentar reviver a passagem, o processo da morte, pensando-a, pensando a dor, a partilha, o sofrimento”.

Ainda sobre a nossa condição humana e a irmandade que temos com nosso semelhante, vale a pena conferir nesta edição e entrevista que o jornalista mineiro **Chico Lopes** concedeu-nos. Nela, é analisado o clássico *Os irmãos Karamazov*, obra do escritor russo Fiódor Dostoiévski, e que tem seu desfecho com um apelo à irmandade entre os homens. Nesse momento Aliócha, o filho religioso dos Karamázov, “encontrará irmãos num sentido mais amplo, já não da família, já não da carne e do sangue, mas da humanidade toda”. Dostoiévski, com seu pendor cristão, oferece-nos um final alvissareiro e a esperança em nosso semelhante.

### Simbologia Pascal

O professor **Solon Viola** menciona que a simbologia pascal da distribuição do pão e do vinho podem ser transpostas à nossa sociedade do ponto de vista de uma real e equitativa distribuição de recursos, como moradia,

escola e até mesmo a alegria. Essa partilha seria essencial para a dignidade de nossas vidas. Quanto à reflexão que a Páscoa nos convida a fazer, sobre a possibilidade de se falar em Deus numa sociedade pós-metafísica, altamente secularizada, o pesquisador remete-nos à coincidência dessa época com o início da primavera na Europa. “A primavera é o reencontro coma natureza, com a vida, com o desabrochar das plantas, do canto dos pássaros. Nessa medida, Páscoa significa o encontro com Deus, com o outro e com a natureza, algo que é fundamental para nós.”

**Culleton** recupera o valor da partilha como central em nossa vivência cristã, dizendo que esta é um imperativo no mundo absolutamente desigual e em guerra civil que vivemos. “A partilha, a aceitação do outro, o reconhecimento do limite são valores que nós, cristãos, cultivamos. E a Páscoa é uma oportunidade para reencontrá-los, refleti-los e vivenciá-los”, disse por telefone à IHU On-Line.

Outro aspecto que **Culleton** observou em sua conversa com a redação da IHU On-Line foi que, no Estado do Rio Grande do Sul, “tão civilizado, tão culto, tão cheio de universidades, programas de pós-graduação e senadores honestos, temos um sistema penitenciário que é um escândalo”. A partir dessa realidade, frisou, “precisamos pensar a morte, a agonia que é a presença do Cristo gritando em nosso cotidiano, e nós, inertes, não temos respostas”. E completou: “A Páscoa tem de nos levar a buscar em nosso meio quem é o crucificado, quem é o torturado, quem é o acusado injustamente. Temos escândalos que conseguimos desconhecer, ignorar, ocultar, justificar. Em ano de Campanha da Fraternidade, cujo tema é segurança pública, o sistema prisional é a coisa mais escandalosa que temos no Brasil inteiro”.



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

IHU **ON-LINE**

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

**B.**

**Destques da Semana**

# Memória

## Hélder Câmara: O Dom

Para Zildo Rocha, a manifestação natural e espontânea de respeito às consciências e às decisões foi uma das mais preciosas lições do ministério de Dom Hélder Câmara

POR GRAZIELA WOLFART | FOTO DIVULGAÇÃO

O pernambucano Zildo Barbosa Rocha teve o privilégio de conviver durante alguns anos com Dom Hélder Câmara e conta, na entrevista que segue, o que guarda de mais significativo dessa experiência. Na entrevista que concedeu por e-mail para a **IHU On-Line**, ele relata detalhes sobre a personalidade e sobre o legado de Dom Hélder para a Igreja. Zildo Rocha recorda que era constante a preocupação de Dom Hélder com a miséria que atinge dois terços da população do globo, o que considerava “uma tremenda afronta ao Criador e Pai”. “Sabia e não perdia a ocasião de salientar que a ideologia dos Direitos Humanos quando se torna leis e estatutos, se constitui, sem dúvida, em meio de eficácia para a transformação de situações de injustiça”, acrescenta.

Zildo Barbosa Rocha estudou no Seminário de Olinda. É licenciado em Filosofia e Teologia, pela Universidade Gregoriana de Roma, onde foi ordenado sacerdote em 1958. Exerceu durante 12 anos o ministério presbiteral quando, entre outras, desempenhou as funções de reitor do Seminário Regional do Nordeste e de diretor do Instituto de Teologia do Recife – ITER. A partir de 1970, voltou à vida civil e ingressou no serviço público, onde exerceu cargos de chefia e de direção na Sudene e na Secretaria de Finanças do Estado de Pernambuco. É casado e pai de três filhos. Aposentou-se em 1990 e, em 1991/1992, passou um ano e meio na Inglaterra, onde fez, no Missionary Institute London-MIL um ano sabático de atualização teológica, nas áreas de Eclesiologia e Cristologia. Foi coordenador do Centro Dom Hélder Câmara – CENDHEC, onde, atualmente, atua no projeto de edição de suas Obras Completas. É autor de *Helder, o Dom* (Petrópolis: Vozes, 1999). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - O senhor foi um das pessoas que acompanhou Dom Hélder. O que guarda de mais significativo da convivência com ele?**

**Zildo Rocha** - Minha convivência com Dom Hélder se deu, basicamente, em dois períodos: de 1964 a 1970 e de 1990 a 1999, ou seja, nos seis primeiros e nos nove últimos anos de sua permanência entre nós no Recife. No primeiro período (64-70), essa convivência foi mais de natureza institucional. Encontrávamos-nos, quase sempre, para tratar de assuntos ligados à Arquidiocese, particularmente ao Seminário Regional de que eu fui de 65 a 69, sucessivamente, vice-reitor e reitor, e ao Instituto de Teologia, de que fui diretor em 68 e

69. No segundo período (90-99), ele já era arcebispo emérito e eu funcionário aposentado da Secretaria da Fazenda do Estado de Pernambuco. Reencontrei-o, depois de uma longa história, que não cabe relatar aqui, quando ele já sentia o peso da idade e ensaiava o seu grande final, na campanha “Ano dois mil sem miséria”.

Ouvia-o, então, repetir, à exaustão, seu sonho de que a humanidade iniciasse o novo milênio sem a mancha negra da miséria “insulto e ofensa ao Criador e Pai”. Participei assim, como coordenador do Centro Dom Hélder Câmara – CENDHEC, do planejamento, lançamento e eventos iniciais daquela campanha, que logo depois foi

secundada pela Ação da Cidadania contra a Fome e a Miséria, lançada nacionalmente pelo sociólogo Herbert de Souza, o Betinho.

Posso dizer, também, com alegria, que o acompanhei, de perto, nos anos cinzentos em que a velhice, a dor de ver migrarem para longe suas “utopias peregrinas” e o abatimento, nunca consentido, por ver seu trabalho na Arquidiocese incompreendido e desmontado, o fizeram passar “à terceira margem do rio” ou a entrar na canoinha de silêncio e contemplação em que passou seus últimos anos.

Agora, respondendo à sua pergunta, poderia repetir o que escrevi no pós-fácio de um livro que organizei

sobre Dom Hélder, intitulado “Hélder, o Dom”: “De todas as lembranças de minha convivência com Dom Hélder, a que guardo com maior carinho na memória do coração é a palavra que me disse, quando fui comunicar-lhe a decisão de ‘deixar a batina’, como então se dizia. Ele me disse: ‘A confiança que tenho em você é tanta, que nem precisa dizer-me as razões que o levaram a tomar tal decisão’”.

Aquelas palavras caíram sobre mim como um bálsamo, num momento de grande tensão e angústia. Mas seu real significado eu só vim descobrir depois, quando ouvi de outro colega, que passou por situação semelhante, o depoimento de atitude idêntica, por parte do Dom. Ficou, então, claro para mim que o que me dissera naquela ocasião, antes de ser uma declaração generosa sobre a qualidade de nosso relacionamento, era, antes, a manifestação natural e espontânea de seu respeito às consciências e às suas decisões. E esta foi para mim uma das mais preciosas lições de seu ministério.

#### **IHU On-Line - Em que sentido a vida de Dom Hélder reflete a essência do Evangelho?**

**Zildo Rocha** - No texto a que há pouco me referi, resumi o que me parece o essencial da vida religiosa de Dom Hélder e o legado espiritual que deixou às futuras gerações. Dom Hélder era, antes de tudo, um homem religioso. Com razão foi escolhido em pesquisas feitas no Brasil, na virada do milênio, como “o religioso do século”. Sua religiosidade consistia basicamente em levar a sério e viver em profundidade algumas verdades, simples e basilares, do credo cristão:

- Deus é Criador e Pai;
- Jesus é o primogênito entre os irmãos;
- Maria é a mãe de Jesus e nossa mãe;
- A humanidade é toda ela uma grande família, da qual todos, sem exceção, fazemos parte;
- A imensa família humana se estende e complementa noutra, dos espíritos angélicos, que lhe oferece compa-

nhia fraterna, ajuda e proteção;

- O ato central de encontro da família humana e angélica com o Criador e Pai é a Santa Missa, compreendida não como o ritual mágico de uma seita particular, mas como ato cósmico e universal em que o Homem Deus Jesus Cristo, Sacerdote da Criação, recapitula e consuma em si todas as coisas, levando-as, no Espírito, de volta para o Pai.

É impossível compreender a vida de Dom Hélder fora desse credo referencial básico. Da experiência do Criador e Pai, ele extraiu uma intimidade de amor e submissão a Deus e uma quase espontânea paixão pelo Universo que o enchiam de confiança e de otimismo:



uma crença no projeto da criação e no progresso humano; um encantamento pela Natureza, uma ternura pelas plantas e pelos animais, com quem, embora homem visceralmente urbano, ele se comunicava amiúde, nas asas da imaginação e da contemplação, como disso dão prova os poemas-meditações que rascunhava ao longo de seus dias e passava à secretária, e em suas vigílias; e toda a sua ação pastoral estava voltada para a realização da fraternidade entre os homens.

Dom Hélder transpirava essas verdades e as irradiava à sua volta nos

mais comezinhos gestos do dia-a-dia: na maneira como tratava quem quer que dele se aproximasse; quando apontava para o céu ao ser chamado de senhor; quando, em meio a conversas as mais informais, saudava com um gesto de carinho a imagem de Maria posta sobre um móvel, ou afixada numa parede; quando pedia ajuda, ou simplesmente expunha a seu anjo da guarda, a quem carinhosamente chamava de José, as dificuldades em que se encontrava; ou ainda quando na Missa tomava nas mãos rindo ou, às vezes, chorando, o pão e o vinho, como se visse Jesus ali, encoberto sob aquelas frágeis e humildes espécies.

Tudo o mais, em sua vida, parece decorrer da experiência profunda dessas simples e essenciais verdades, vividas por ele, de maneira intensa.

#### **IHU On-Line - Qual a contribuição de Dom Hélder na luta em prol dos Direitos Humanos e do resgate da cidadania brasileira?**

**Zildo Rocha** - A toda hora, em sua ação pastoral e em seus escritos (cartas, discursos e poemas-meditação), Dom Hélder se reportava ao homem, ao humanismo, ao desenvolvimento integral (“do homem todo e de todos os homens”), aos valores humanos, ao desrespeito frequente dos direitos fundamentais da pessoa, gerando situações de grande e mesmo de extrema injustiça. Era-lhe constante a preocupação com a miséria que atinge dois terços da população do globo, que con-

siderava “uma tremenda afronta ao Criador e Pai”. Sabia e não perdia a ocasião de salientar que a ideologia dos Direitos Humanos, quando se torna leis e estatutos, se constitui, sem dúvida, em meio de eficácia para a transformação de situações de injustiça.

Mas não lhe passava despercebido que tal ideologia, gerada no âmbito do Estado Liberal, se volta bem mais para a salvaguarda dos direitos dos indivíduos, sendo facilmente manipulável pelos interesses das classes dominantes e, não raro, usados mais como entrave do que como garantia e preservação dos inte-

resses da coletividade. E sabia, também e, mais ainda, que tal ideologia, para ser efetivamente usada como instrumento de transformação, precisa ser acionada por uma energia e uma força que, em sua visão e concepção cristãs, se situam para além das forças puramente naturais e necessitam do apoio da fé e da graça divina.

Como diz em um de seus discursos, os Direitos Humanos, antes de serem “um presente dos ricos ou dos governos para os segmentos pobres das populações, são uma consequência da Criação de Deus e, por isso, uma doação divina. A melhor maneira, portanto, de alguém guardar e defender seus direitos é a de assumir-se como criatura humana, filho ou filha de Deus”.<sup>1</sup>

#### **IHU On-Line - De que maneira Dom Hélder Câmara marcou os rumos da Igreja no Brasil?**

**Zildo Rocha** - São inegáveis os frutos da ação de Dom Hélder na Igreja do Brasil e mesmo em algumas partes do mundo. Sem querer dar a impressão de estar fazendo propaganda do livro que, em 1999, me coube organizar para festejar os seus noventa anos, acho que ali se encontra uma boa resposta à pergunta sobre quem foi Dom Hélder e qual a sua contribuição à Igreja do Brasil. A importância da ação de Dom Hélder transparece, ali, no depoimento de vinte e cinco personalidades do Brasil e do Exterior, onde é apontado, de maneira viva e pessoal, como Amigo de fé, Colega, Irmão; Modelo de bispo do Vaticano II; Voz profética dentro da Igreja, e Profeta para o mundo.

Acho que a maneira como o Dom se faz ainda hoje presente entre nós é através da imensa obra escrita que nos legou, particularmente nas cartas que escreveu a seus colaboradores, a quem chamava de Família Mecejanense. São, ao todo, cerca de duas mil e duzentas cartas, escritas, ao longo de vinte anos. No próximo dia 14 de abril, a Companhia Editora de Pernambuco – CEPE estará lançando seiscentas dessas cartas, em dois volumes de três tomos cada um. O primeiro volume contém

as Cartas Conciliares, assim chamadas porque escritas em Roma, durante as quatro Sessões do Concílio Vaticano II. O segundo, das Cartas Interconciliares, contém as cartas escritas, no Recife, entre as três últimas Sessões do Concílio (11 de abril de 1964 a 01 de setembro de 1965) aos seus ex-colaboradores do Rio de Janeiro e novos colaboradores de Olinda e Recife. Tive o privilégio de preparar para a publicação, com a ajuda de um pequeno grupo, este volume das Cartas Interconciliares e posso assegurar-lhe que se trata de um documento ímpar da história da espiritualidade católica. Nelas, um cristão autêntico, um grande bispo, um dos Pais da Igreja latino-americana, aceita o desafio de des-

**“Tenho (...) a certeza  
de que o Dom  
continuará a marcar a  
sua presença entre as  
futuras gerações,  
através de sua obra  
escrita e da irradiação  
do seu testemunho”**

pir-se espiritualmente diante de Deus e de sua Igreja familiar e doméstica, diariamente ou quase, confessando e narrando, com simplicidade e transparência, a “história de sua alma” e as vicissitudes de seu dia-a-dia.

Tenho insistido em afirmar, junto ao Instituto Dom Hélder Câmara, que a tarefa que lhe incumbe prioritariamente, agora que nos falta a presença física do profeta, é a de publicar e divulgar, o quanto antes, sua obra escrita que, além da maravilhosa correspondência a que me referi, consta, ainda, de centenas de discursos, abordando temas de grande atualidade, e milhares de pequenos poemas – meditação. Tenho, mais que a esperança, a certeza de que o Dom continuará a

marcar a sua presença entre as futuras gerações, através de sua obra escrita e da irradiação do seu testemunho.

#### **IHU On-Line - Dom Hélder dizia: “Sempre que procura defender os sem-vez e os sem-voz, a Igreja é acusada de fazer política”. Em que sentido o senhor vê nas ações de Dom Hélder um exemplo para a ação da Igreja na sociedade?**

**Zildo Rocha** - Dom Hélder era um homem de equipe. Aprendeu com a Ação Católica<sup>2</sup> que ajudou a criar ou, pelo menos, a implantar no Brasil, sob o modelo da Ação Católica Especializada e segundo o método do Ver, Julgar e Agir. Acreditava no diálogo e considerava a autoridade um serviço e não um poder. Tinha profundo respeito por seus colaboradores e mais de uma vez o vi rasgar textos que preparara porque o seu “presbitério alargado” (vigários gerais, padres e alguns leigos) não o considerara convincentes ou oportunos. Tinha um verdadeiro amor preferencial pelos pobres. Não por demagogia, como gostavam de repetir seus adversários, mas para sentir-se mais verdadeiro consigo mesmo, mais próximo desses irmãos frágeis e esquecidos, e mais fiel àquele de quem procedia todo o seu poder e autoridade e que não tinha onde reclinar a cabeça. A leitura de suas cartas ajudará, de certo, a perceber como entendia a sua função de bispo e a queria a serviço de seus irmãos nordestinos, martirizados pelo subdesenvolvimento, pela miséria e pela fome. Para ele, como para São João, o amor de Deus e o amor do próximo é um só e mesmo amor. E isso, de novo, não por caudilhismo ou demagogia, mas como fruto de uma ação que nascia da oração, da Vigília e da Santa Missa, pontos altos de seus dias.

<sup>2</sup> A Ação Católica Brasileira foi criada em 1935 pelo cardeal Sebastião Leme da Silveira Cintra no Rio de Janeiro. Posteriormente, por iniciativa de D. Hélder Câmara, a Ação Católica, adotando o método Ver, Julgar e Agir, se especializou em vários ramos como a Juventude Estudantil Católica (JEC), formada por estudantes secundários, a Juventude Operária Católica (JOC), que atuava no meio operário, e a Juventude Universitária Católica (JUC), constituída por estudantes de nível superior. (Nota da IHU On-Line)

<sup>1</sup> Cf. a Palestra “A Igreja dos Pobres”, no jubileu de ouro do Colégio Pio Brasileiro, em Roma, aos 15.03.1984. (Nota do entrevistado)

## Dom Hélder Câmara : místico, fraternal, servidor fiel

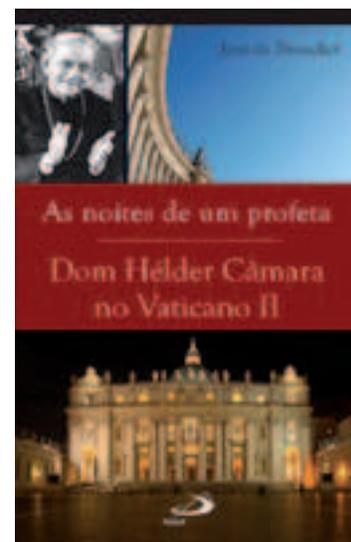
Biografo de Dom Hélder Câmara, José de Broucker fala sobre o legado deixado pelo arcebispo brasileiro

POR PATRÍCIA FACHIN | TRADUÇÃO LUCIANA CAVALHEIRO

**J**ornalista, o francês José de Broucker foi amigo de Dom Hélder Câmara por três décadas. Na entrevista que segue, concedida por e-mail à IHU On-Line, ele relembra o tempo que conviveu com o arcebispo de Recife e revela admiração profunda pelo brasileiro de ideias liberais que ajudou a construir uma Igreja diferente. Numa fórmula breve, Broucker define o que qualifica como a complexidade paradoxal de Dom Hélder: “três pessoas em um só homem: homem de Deus, homem do mundo e homem da Igreja”.

Ao lembrar do amigo, ele diz que “Dom Hélder despertou numerosos engajamentos por um mundo mais justo e mais humano”. Neste ano em que comemoramos seu centenário de vida, “ele ainda está mais eloquente em seus escritos”. Sua mensagem ainda está viva e “a visão e os engajamentos que ele trabalhava para promover são vividos hoje por quantidades de organizações de sociedades civis em um número muito grande de países, inclusive na América Latina e no Brasil”. Seus escritos, continua, “dos quais muitos ainda estão para ser publicados, constituem uma herança extremamente preciosa para as gerações atuais e futuras”.

Biografo de Dom Hélder Câmara, José de Broucker escreveu diversas obras, entre as quais destacamos *As noites de um profeta. Dom Hélder Câmara no Concílio do Vaticano II* (São Paulo: Paulus, 2008). O autor é presidente da Associação Dom Hélder – Memórias e Atualidade, e diretor das Informações Católicas Internacionais no Tempo do Concílio. Confira a entrevista.



**IHU On-Line - O senhor conviveu com Dom Hélder aproximadamente 30 anos. A partir dessa convivência, como descreve a personalidade humana e cristã de Dom Hélder Câmara?**

**José de Broucker** - Tenho o hábito de expressar em uma fórmula a complexidade seguidamente paradoxal de Dom Hélder: três pessoas em um só homem: homem de Deus, homem do mundo e homem da Igreja. Por assim dizer: místico, fraternal, servidor fiel.

**IHU On-Line - Como a trajetória de Dom Hélder nos ensina e repensar a Páscoa hoje? O que a mística desse momento revela sobre o espírito de Dom Hélder Câmara?**

**José de Broucker** - A invencível e comunicativa esperança da qual Dom Hélder testemunhou em todas as circunstâncias não me parece sem relação com sua fé na ressurreição do Se-

**“O que ele chamava de ‘minorias abrahâmicas’ que exercem ‘pressões morais libertadoras’ sobre as estruturas de poder estão cada vez mais presentes e ativas”**

nhor: “Quanto mais negra é a noite, mais brilhante será a aurora.” Nem sem relação com sua atenção privilegiada aos pobres: “Não cabe aos pobres compartilhar da minha esperança, mas a mim de compartilhar da esperança dos pobres.”

**IHU On-Line - Em que sentido as ideias liberais e libertadoras de Dom Hélder Câmara podem servir como fonte de energia para novas ações na sociedade, considerando também esse**

**momento de crise (capitalista, institucional, de valores) que vivemos?** **José de Broucker** - Durante a sua vida, por todos os lugares onde passava e falava, Dom Hélder despertou numerosos engajamentos por um mundo mais justo e mais humano. O que ele chamava de “minorias abrahâmicas” que exercem “pressões morais libertadoras” sobre as estruturas de poder estão cada vez mais presentes e ativas.

Hoje, Dom Hélder não está mais aqui. Mas ele está ainda mais elo-

quente em seus escritos do que em suas conferências. Aos atores sociais que são tentados pelo desânimo diante dos desafios da história, recomendo a leitura de suas Cartas Circulares conciliares e Interconciliares, de suas Meditações do Padre José, de suas alocações radiofônicas. São inesgotáveis reservatórios de energias renováveis!

**IHU On-Line - O senhor conheceu Dom Hélder na cobertura do Concílio Vaticano II. O que motivou a amizade entre vocês? Pode nos contar um pouco sobre os elos que os uniram durante três décadas?**

**José de Broucker** - Meu primeiro encontro prolongado com Dom Hélder data de 1968, quando fui a Recife para realizar uma pesquisa-retrato do “arcebispo das favelas” a pedido de um editor parisiense (La violence d’un pacifique) [A violência de um pacífico]. Este encontro me fascinou, mas não esgotou a minha curiosidade de jornalista e de cristão: quarenta anos mais tarde, eu a persigo de todas as formas e maneiras. Também colaborei com a edição francesa de vários de seus livros, desde os anos 70. De sua parte, Dom Hélder me concedeu a sua confiança e me pediu para ser, de alguma forma, uma “antena” na França, notadamente para preparar e acompanhar suas viagens: eu era, de certa forma, com minha mulher e meus filhos, uma modesta “peça trazida” da “Família Mecejaneense”.

**IHU On-Line - Qual a principal contribuição de Dom Hélder para o Concílio Vaticano II?**

**José de Broucker** - Como observou P. Congar,<sup>1</sup> Dom Hélder tinha uma qualidade “tão rara em Roma”: uma visão. Uma visão do mundo — que não é somente europeu e rico, e uma visão da Igreja — servil e pobre, colegial, participativa, ecumênica no sentido mais amplo do termo. Esta visão estereoscópica, ele soube dividir, de minoria em minoria episcopal, até que ela fos-

<sup>1</sup> Yves Congar (1904-1995): foi um teólogo dominicano francês. Um dos grandes teólogos do Concílio Vaticano II e autor de uma obra ecumênica e teológica considerável, foi elevado à dignidade cardinalícia por João Paulo II em 30 de outubro de 1994, recebendo o barrete de cardeal em 8 de dezembro do mesmo ano. (Nota da IHU On-Line)

**“Meu primeiro encontro prolongado com Dom Hélder data de 1968, quando fui a Recife para realizar uma pesquisa-retrato do ‘arcebispo das favelas’ a pedido de um editor parisiense (La violence d’un pacifique) [A violência de um pacífico]. Este encontro me fascinou, mas não esgotou a minha curiosidade de jornalista e de cristão: quarenta anos mais tarde, eu a persigo de todas as formas e maneiras”**

se, em seus pontos mais importantes, a da maioria. Uma outra contribuição foi a de despertar e entreter um diálogo entre a assembleia conciliar e a opinião pública, pelo número de vezes que ele falou em público fora dos muros da Basílica de São Pedro.

**IHU On-Line - De que maneira o pensamento de Dom Hélder permanece vivo ainda hoje? Que heranças o sacerdote deixou na Europa, onde esteve mais de 30 vezes?**

**José de Broucker** - Na França e talvez na Europa, as mais antigas gerações guardam de Dom Hélder lembranças vivas e lamentos: lamentos de não mais poderem se ouvir interpelados por vozes tão livres e libertadoras. Mas, se ainda são raras as pessoas e os grupos que solicitam Dom Hélder, a realidade é que a visão e os engajamentos que ele trabalhava para promover são vividos hoje por quantidades de organizações de sociedades civis em um número muito grande de países, inclusive na América Latina e no Brasil. E, de maneira muito concreta, considero que seus escritos, dos quais muitos ainda estão para ser publicados, constitui em uma herança extremamente preciosa para as gerações atuais e futuras.

**IHU On-Line - Dom Hélder era conhecido como um homem de vários dons. Para o senhor, é possível destacar uma qualidade imprescindível do arcebispo de Recife?**

**José de Broucker** - Sua preferência por convencer mais do que vencer, e a arte com a qual ele sabia colocar em prática, sem nunca separar verdade e bondade.

**IHU On-Line - Como os ensinamentos de Dom Hélder podem ajudar a construir uma nova Igreja? Para o senhor, na visão de Dom Hélder, que mudanças seriam cruciais na Igreja de hoje?**

**José de Broucker** - Após Dom Hélder, eu diria: que ela aplique a si mesma os belos princípios que prega, tanto em nome do Evangelho como do direito natural.

#### LEIA MAIS...

>> Sobre Dom Hélder Câmara, a IHU On-Line já produziu outras entrevistas. O material está disponível no nosso site [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)

\* *Dom Helder, pastor da libertação em terras de muita pobreza.* Entrevista com José Oscar Beozzo, publicada nas Notícias do Dia de 07-02-2009;

\* *O legado de Dom Helder: uma igreja solidária com as grandes causas do povo.* Entrevista com Dom Marcelo Carvalheira, publicada nas Notícias do Dia de 07-02-2009;

\* *Fé e Política. Os debates arejam e ajudam a precisar posições.* Artigo de Luiz Alberto Gómez de Souza, publicado nas Notícias do Dia de 22-01-2008.

# Entrevista da Semana

## Polifonia atual: 130 anos de *Os irmãos Karamázov*, de Dostoiévski

Angústias da humanidade continuam a ser expressas através de clássico russo, define o jornalista Chico Lopes. Desintegração familiar, parricídio, niilismo e morte de Deus são outros temas discutidos nesta entrevista

POR MÁRCIA JUNGES | FOTO DIVULGAÇÃO

Considerado por Freud um dos maiores romances já escritos, *Os irmãos Karamázov*, de Fiódor Dostoiévski (1821-1881), completa 130 anos de lançamento em 2009. Para analisar a atualidade e importância desse clássico russo, entrevistamos por e-mail o jornalista Chico Lopes. Leitor de Dostoiévski há mais de três décadas, ele acentua que *Os irmãos Karamázov* continuam expressando as angústias da humanidade, e que sua polifonia “vai do celestial ao infernal, passando por matizes exclusivamente humanos, com um poder de persuasão e de fazer o leitor mergulhar em seus meandros que poucas obras têm”. Ele percebe a desintegração patológica do núcleo familiar da trama como um espelho para vários exemplos de nossa época. Além disso, completa, os questionamentos de Ivan Karamázov, sobretudo no discurso *O grande inquisidor*, permanecem válidos: “a religião que se organiza entre homens, temporal, terrena, já nada mais tem a ver com a exigência do Divino – caiu na baixa utilitária. O Divino é Cristo olhando sem dizer nada. O Grande Silêncio, só ele pode ser religioso”. Sob outro aspecto, “o julgamento de Dimitri, com suas dimensões de show e seus erros e mal-entendidos absurdos, e o público ávido por sensacionalismo, é atualíssimo”. O parricídio e sua conexão com o niilismo, com a consequente morte de Deus e esboroamento de valores, também é alvo da análise de Chico Lopes nesta entrevista.

Chico Lopes é paulista radicado desde 1992 em Poços de Caldas, Minas Gerais. Em Novo Horizonte, onde nasceu, fundou os jornais *A Cidade* e *O Jornal* e começou a escrever crítica de cinema e literatura. Em Poços de Caldas, tornou-se programador e apresentador de filmes no Cinevideoclube do Instituto Moreira Salles (Casa da Cultura), onde trabalha até hoje. Publicou dois livros de contos: *Nó de sombras* (2000) e *Dobras da noite* (2004) pelo próprio Instituto Moreira Salles. Teve contos seus publicados em revistas como *Cult* e *Pesquisa de São Paulo* e jornais como o *Rascunho*, de Curitiba. Um conto seu está na antologia *Cenas da favela*, organizada para a Ediouro/Geração Editorial por Nelson de Oliveira em 2007. Escreve sobre literatura e cinema nos sites *Germina*, *Conexão Maringá*, *Meio Tom*, *Cronópios* e *Verdes Trigos* e em jornais como o *Vaia*, de Porto Alegre. Em 2009, deverá publicar o seu terceiro livro de contos. Confira a entrevista.



**IHU On-Line - Após 130 de seu lançamento, quais são os principais aspectos que tornam *Os Irmãos Karamázov* uma obra atual? Ela continua expressando as angústias e as diferentes vozes do ser humano?**

**Chico Lopes** - Com clássicos desse porte, entra-se no terreno da atemporalidade. O livro foi sempre pertinente, teve sempre a dizer para os homens de

sua época e continuará tendo a dizer para qualquer um que o leia, em qualquer época. Os clássicos “pairam”, por assim dizer, e se desdobram retro e prospectivamente de maneira certa. Li-o pela primeira vez lá pelos vinte anos. A releitura que fiz recentemente, aos 56, me devolveu toda a febre que tive na primeira impressão.

O livro continua expressando as

angústias do ser humano, sim, e é uma polifonia que vai do celestial ao infernal, passando por matizes exclusivamente humanos, com um poder de persuasão e de fazer o leitor mergulhar em seus meandros que poucas obras têm. Parece que por ele passam todas as vozes.

Creio que, para ficar em alguns temas atuais, penso que a família

Karamazóv, com sua desintegração patológica, a começar por um pai rigorosamente lascivo e negligente, irresponsável, bufão, é espelho de muitas que seguem se desintegrando, se dissolvendo em desarmonias nunca a rigor pacificadas e reguladas. O sensualismo brutal preside essa desunião — há egoísmos demais nesses núcleos infernais, apetites que se chocam, e a figura que deveria representar a autoridade desmorona, corroída por seu próprio descrédito. Outro tema: o intelectual Ivan<sup>1</sup> lançou perguntas que os intelectuais continuam a se fazer (e sem respostas consoladoras, sem dúvida alguma). A parábola do *Grande inquisidor* continua a valer: a religião que se organiza entre homens, temporal, terrena, já nada mais tem a ver com a exigência do Divino — caiu na baixeza utilitária. O Divino é Cristo olhando sem dizer nada. O Grande Silêncio, só ele pode ser religioso. O julgamento de Dimitri,<sup>2</sup> com suas dimensões de show e seus erros e mal-entendidos absurdos, e o público ávido por sensacionalismo, é atualíssimo.

**IHU On-Line - Freud<sup>3</sup> chegou mesmo a afirmar que esse era o maior romance já escrito. Em sua opinião,**

1 Ivan Karamázov: irmão Karamázov intelectual, ateu niilista e mentor do crime de assassinato de Fiódor. (Nota da IHU On-Line)

2 Dimitri Karamázov: terceiro dos irmãos Karamázov, acusado de matar o pai para apossar-se de dinheiro. É acusado e julgado culpado, mesmo não sendo. (Nota da IHU On-Line)

3 Sigmund Freud (1856-1939): neurologista e fundador da Psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudava pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da Psicanálise. Freud, além de ter sido um grande cientista e escritor, realizou, assim como Darwin e Copérnico, uma revolução no âmbito humano: a ideia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias e o tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam muito debatidos hoje. A edição 170 da IHU On-Line, de 08-05-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título Sigmund Freud. Mestre da suspeita, e a edição 207, de 04-12-2006, o tema de capa *Freud e a religião*. A edição 16 dos Cadernos IHU em formação tem como título *Quer entender a modernidade? Freud explica*. Todos os materiais estão disponíveis para *download* no site do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)). (Nota da IHU On-Line)

**que aspectos corroboram essa ideia do psicanalista?**

**Chico Lopes** - Penso que as hierarquizações desse tipo são arriscadas. Há muitos “maiores romances”, e outros poderão invocar, com a mesma razão, *Em busca do tempo perdido*, *Dom Quixote*, *Madame Bovary*, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Grande sertão: veredas*. Creio que Freud viu no romance muitas de suas ideias em ação, em drama. E, claro, satisfez-se vaidosa e humanamente vendo corroboradas tantas de suas teorias num livro de qualidade artística tão inegável.

É evidente que Aliócha<sup>4</sup> é inibido por um complexo de Édipo, que Smérdiakov<sup>5</sup> tem tintas de psicose, que há muita neurose e desejos reprimidos, projetados, sublimados, ao longo do livro, alguns, à maneira russa, ofere-

**“O livro continua expressando as angústias do ser humano, sim, e é uma polifonia que vai do celestial ao infernal”**

cidos de modo transparente (os personagens falam muito e, quanto mais falam, mais se revelam) para o leitor atual, que já tem toda a carga da formação freudiana para facilmente decifrá-los.

**IHU On-Line - Como compreender a figura de Aliócha, meio homem, meio santo, nascido numa família degenerada? O que Dostoiévski quis dizer através desse personagem?**

**Chico Lopes** - Aliócha representa ali uma espécie de centro, mas não é necessariamente um centro equilibrado. É através dele que a história vai se con-

4 Aliócha Karamázov: um dos irmãos Karamázov, é o filho religioso e discípulo do stárets Zósima, seu guia espiritual. (Nota da IHU On-Line)

5 Smérdiakov: filho ilegítimo de Fiódor, é o executor do assassinato planejado por Ivan. Epilético, suicida-se antes do julgamento de Dimitri. (Nota da IHU On-Line)

tando e ele é puro, por vezes parece até neutro e funcional, mas por vezes a sua pureza, como se trata de uma criação de Dostoiévski, nos parece ambígua. Acho que temos que nos deter principalmente na sua curiosa relação com Lise, que se ri dele, mas se ri com o ressentimento de uma inválida. E ele tem por ela sentimentos meio protetores, meio sádicos. Há daqueles desmaios misteriosos, que sugerem que a grande admiração que tinha pela mãe embutia mesmo um Édipo particularmente problemático. Aliócha só passará a ser verossímil, mais tocante e mais humano, quando o “santo” Zósima morrer e seu cadáver começar a feder. Ele, aliás, não me desperta a mesma admiração que Ivan, muito mais trágico e mais complexo, consegue, em releituras, despertar.

**IHU On-Line - Vê alguma relação entre criador e criatura quando o escritor nomeia de Fiódor<sup>6</sup> o pai pândego e degenerado dos Karamázov? Ou apontaria alguma aproximação entre o pai de Dostoiévski e o pai Karamázov?**

**Chico Lopes** - Não conheço a biografia de Dostoiévski o bastante para afirmar isso, mas sua afirmação de que todos nós já desejamos um dia matar nosso pai é, sem dúvida, reveladora. Não é coisa que se escreva inocentemente. Há mais aquele mote: “Por que vive um homem assim?”, e o romance trata de nos pintar Fiódor com uma tal multiplicidade de defeitos que acabamos por achar muito lógico que um filho queira matá-lo.

**IHU On-Line - Poderia explicar as figuras do pai bufão (Fiódor), do pai afetivo (Grigori<sup>7</sup>) e do pai espiritual (Zósima) no enredo da trama?**

**Chico Lopes** - Essa tríade me parece bem notória — há um pai que chega às raias da santidade, e, francamente, me parece uma certa concessão à pieguice mística só redimida mesmo

6 Fiódor Karamázov: Pai dos três Karamázov, e de Smérdiakov. De caráter burlesco e lascivo, desperta a antipatia e o desprezo de seus próprio filhos, que desejam matá-lo. (Nota da IHU On-Line)

7 Grigori: criado na casa Karamázov, e tido pelos três rapazes como pai afetivo. (Nota da IHU On-Line)

quando o santo começa a feder no célebre trecho do velório, que deixa Aliócha tão desapontado; há um pai bufão, tão digno de todo descrédito e desprezo que suspeitamos que não mereça nada além de punição; e há o pai afetivo (Grigori), que toma conta dos filhos abandonados com um desprendimento admirável (tem-se a impressão de que o melhor pai está longe de ser o natural). Mas há um elo entre Fiódor e Grigori que me parece misterioso – Fiódor precisa da mansidão e da bondade de Grigori, e me parece revelador que Dimitri tenha espancado justamente Grigori na noite do crime. Ele leva a pancada que o outro teria que ter levado. É como se Fiódor e Grigori encarnassem um duplo. O que não é nada de espantar em Dostoiévski, sempre voltado para esse tema, para essa quebra, esse luz-e-sombra antagônico e complementar entre seres. Temos um quarto pai. No final, Snieguirov, aquele pai do garoto doente, com a dedicação canina ao filho, imensamente emotivo, é uma figura belíssima.

**IHU On-Line - Em que medida Smerdiákov é o executor do parricídio que os outros três filhos legítimos de Fiódor desejavam concretizar, mas não o fizeram?**

**Chico Lopes** - Conhecendo-se ali a história de Smerdiákov, filho da anã simplória que Fiódor praticamente estuprou, nos parece lógico que ele teria que ser o elemento sorrateiro e vingador. Ele como que expressa todas as correntes subterrâneas de abjeção, negação e sombra que passam pela família – ele é uma espécie de quarto de despejo, e os despejos simbólicos são importantes: são deles que partem ordens decisivas para as camadas superiores, conscientes. Ele tem uma carga de ressentimento atávico tão forte, é tão desesperadora a verdade que carrega, que a epilepsia parece a sua “obra de arte” meio voluntária (há até um espasmo planejado). Ele é aterrador: à medida que vamos conhecendo-o, vemos que o autodesprezo que o consome se extravasa num desejo de, digamos, apagar o mundo, apagar a sua identidade abjeta, e ele

fará esta obra de apagamento/expiação começando por apagar o monstro que, em gozo irresponsável, o gerou.

**IHU On-Line - Tomando isso em consideração, podemos afirmar que Ivan é o mentor intelectual do assassinato, enquanto Smerdiákov seria o agente deste, configurando-se em duplos?**

**Chico Lopes** - Ivan pensa, Smerdiákov age. Mas talvez não seja bem assim, tão esquemático. Nos vários diálogos que eles travam, o leitor deve lembrar-se que Ivan sente nojo e aversão profundos por Smerdiákov, mas que Smerdiákov é, pela força de seu

**“A parábola do Grande inquisidor continua a valer: a religião que se organiza entre homens, temporal, terrena, já nada mais tem a ver com a exigência do Divino – caiu na baixa utilitária.”**

carisma negativo, também inspirador das ideias que passam pela cabeça de Ivan. Ele é o demônio sempre evitado com quem Ivan não consegue deixar de conviver. De fato, o caso dos duplos aí tem uma solidez visceral. Smerdiákov confirma o que Ivan detesta ver em si mesmo.

**IHU On-Line - Como a temática do ressentimento une Ivan e Smerdiákov?**

**Chico Lopes** - Exatamente através dessa relação claramente simbiótica. Eles odeiam praticamente as mesmas coisas, mas cada qual à sua maneira. Ivan sabe distanciar-se de si, sabe o que é monstruoso, Smerdiákov encarna o monstruoso, que o ultrapassa. Ivan se

assusta, é consciente, Smerdiákov parece nada ter a perder senão um desespero acumulado desde a infância.

**IHU On-Line - Como o elemento do parricídio se relaciona com a dissolução dos costumes e valores a que Dostoiévski se refere em toda a sua obra?**

**Chico Lopes** - O parricídio é estarrecedor, em suas implicações simbólicas. Implica na morte de um centro necessariamente ordenador, de um nexos cultural profundo – autoridade, honra, respeito, sangue, transmissão cultural, afeto, cetoro masculino. Pode significar o fim de tudo, uma anarquia aterradora, um vasto abismo caótico do qual pode emergir toda espécie de novidade monstruosa. Acho que Dostoiévski sentia isso com muita força, mas também sabia ironizar o assunto. Perceba-se que, no julgamento de Dimitri, a condenação do parricídio em alguns personagens é feita com certo exagero retórico pomposo que remete a uma boa dose de hipocrisia teatral. Portanto, a visão de Dostoiévski, nisso, como acho que em todo o resto, comportava muita ambiguidade: ele se debruçava sobre o parricídio com uma boa dose de fascínio, realmente, e procurava se distanciar do horror que o fascinava.

O livro de Dostoiévski fez com que se derramasse uma quantidade espantosa de tinta sobre esse tema, que percorre a obra dos grandes artistas que se preocupam com a alma humana, também em outras artes – citarei só Hitchcock, que vivia abordando pais ausentes ou mortos em seus filmes. Em *Os pássaros*, o pai é só um retrato, de trás do qual cai um pardal morto. Em *Pacto sinistro*, o vilão Bruno quer que um desconhecido lhe mate o pai. A impressão que se tem é que é preciso sempre instaurar drasticamente o reino do Filho. Mas o reino do Filho, sem o centro ordenador, é o reino da desordem, da destruição e da culpa, como fica claro no “Totem e Tabu” freudiano.

**IHU On-Line - E de que forma o parricídio dos Karamázov se transmuta no deicídio defendido por Ivan, que**

sentencia a permissibilidade para a ação em face da inexistência de Deus? Assim, que relações podem ser estabelecidas entre parricídio e niilismo?

**Chico Lopes** - Parece óbvio que Fiódor encarna Deus de modo negativo: negligente, arbitrário, cruel, ele se confunde com aquele Deus que Ivan diz que deixa morrer na neve uma criancinha, omissão pela qual Ele nunca poderá ser perdoado. Óbvio que Ivan devia sentir-se a própria criancinha abandonada na neve, face ao pai Fiódor. Assim, será preciso eliminar esse Deus cego, de implacáveis indiferenças, para que se instaure uma humanidade livre, se bem que desamparada. Tudo é permitido a quem nada mais resta. É uma humanidade entregue às forças anárquicas, que desaguarão no niilismo, fora de dúvida.

**IHU On-Line - Poderia dar mais detalhes sobre por que afirma que essa obra termina como um apelo à irmandade entre os homens?**

**Chico Lopes** - O leitor deve lembrar-se que o filho doente de Snieguirov vinha sendo assistido e consolado por Aliócha e seus colegas de escola. Sabedores de que ele teria pouco tempo de vida, procuravam levar-lhe alegria, ficar em torno de seu leito. É um dos momentos altos de solidariedade do romance, e não parece mais, a esta altura, haver aquela aura devota meio rósea demais que víamos em Aliócha em certos trechos. Quando o menino morre, resta a Aliócha ainda a alegria de ter feito amigos entre os colegas. É o momento em que, tendo já acontecido a morte de Fiódor por Smerdiákov, com Dimitri partindo para longe e Ivan ficado entregue à sua solidão intelectual, ele encontrará irmãos num sentido mais amplo, já não da família, já não da carne e do sangue, mas da humanidade toda.

#### LEIA MAIS...

>> Confira outras entrevistas sobre o tema. O material está disponível no nosso sítio [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)

\* *Fiódor Dostoiévski: pelos subterrâneos do ser humano*. Edição número 195 da IHU On-Line, de 11-09-2006;

\* *Dostoiévski chorou com Hegel*. Entrevista com László Földényi, publicada na IHU On-Line número 226, de 02-07-2007.

## Livro da Semana

### “Não há a menor possibilidade de que os americanos recuem e abandonem as posições de poder”

Segundo José Luís Fiori, neste sistema interestatal capitalista em que vivemos, crises econômicas e guerras não são, necessariamente, um anúncio do “fim” ou do “colapso” dos estados e das economias envolvidas

POR GRAZIELA WOLFART | FOTO DIVULGAÇÃO

O professor e diretor do Programa de Pós-Graduação de Economia Política Internacional da UFRJ José Luís Fiori é o autor de *O mito do colapso do poder americano*, escrito em parceria com Carlos Medeiros e Franklin Serrano e lançado pela Editora Record no final de 2008. Fiori é autor, entre outros, de *60 Lições dos 90 – Uma década de neoliberalismo* e *O voo da coruja – Para reler o desenvolvimento brasileiro*. Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line, ele comenta os aspectos principais da obra e ainda reflete sobre a atual crise financeira internacional. Para Fiori, “as guerras e a crise econômica mundial que estão em pleno curso não são um sintoma do fim do poder americano”. Pelo contrário, “fazem parte de uma transformação de longo prazo, que está aumentando a pressão competitiva dentro do sistema mundial, e está provocando uma nova corrida imperialista entre as grandes potências, com a participação decisiva dos EUA, da China e da própria Rússia, que retorna ao sistema depois de uma década de derrota, crise e reestruturação”. Ele ainda acrescenta que a longa “adolescência assistida” da América do Sul acabou. E que “o mais provável é que esta mudança provoque, no médio prazo, uma competição cada vez mais intensa entre o Brasil e os Estados Unidos, pela supremacia na América do Sul”.



**IHU On-Line - Em linhas gerais, qual é a tese que o senhor defende em *O mito do colapso do poder americano*?**

**José Luís Fiori** - Não é simples de responder sua pergunta em poucas linhas, porque o livro reúne três ensaios que compartilham vários pontos de vista, mas não tem necessariamente a mesma

perspectiva teórica. No meu próprio ensaio, existe uma parte mais conjuntural e outra mais de longo prazo e, além disso, existe uma parte teórica mais crítica e outra mais propositiva. No meu artigo, começo criticando a teoria dos “ciclos hegemônicos”, e proponho uma leitura alternativa do sistema mundial, visto como um “universo

em expansão” contínua, onde todas as potências que lutam pelo “poder global” estão sempre criando ordem e desordem, expansão e crise, paz e guerra. Por isso, para mim, desordem, crise e guerra não são, necessariamente, um anúncio do “fim” ou do “colapso” dos países e das economias envolvidas. E, neste início do século XXI, eu considero que as guerras e a crise econômica mundial que estão em pleno curso não são um sintoma do fim do poder americano. Pelo contrário, fazem parte de uma transformação de longo prazo, que está aumentando a “pressão competitiva” dentro do sistema mundial, e está provocando uma nova “corrida imperialista” entre as grandes potências, com a participação decisiva dos EUA, da China e da própria Rússia, que retorna ao sistema depois de uma década de derrota, crise e reestruturação.

**IHU On-Line - Por que o senhor acredita que o poder dos Estados Unidos é tão forte que seu colapso seria apenas um mito?**

**José Luís Fiori** - Em termos muito sintéticos, porque depois da II Guerra Mundial, como depois da crise dos anos 1970, os EUA foram a potência que ficou com o controle incontestado da moeda internacional, do mercado e dos capitais financeiros dominantes no mundo, da inovação da ponta tecnológico-militar e das principais pontas do sistema de informação e comunicação mundial, além, é lógico, de manterem um sistema de controle militar global, por terra, mar e ar.

**IHU On-Line - A crise financeira internacional e o crescimento de países como a China não afetarão o poder americano? Não se trata do fim do império norte-americano?**

**José Luís Fiori** - Para responder esta pergunta, preciso fazer antes uma breve digressão teórica. Eu não leio a história do sistema mundial como uma sucessão de ciclos hegemônicos, uma espécie de ciclos biológicos dos estados que nascem, crescem, dominam o mundo e depois decaem e são substituídos por um novo estado que percorreria o mesmo ciclo anterior até che-

gar à sua própria hora da decadência. Do meu ponto de vista, a melhor analogia para se pensar o sistema mundial é como um “universo em expansão” contínua, onde todos os estados que lutam pelo “poder global” – em particular, a potência líder ou hegemônica – constituem um núcleo inseparável, complementar e competitivo, em permanente estado de preparação para a guerra. Por isso, são estados que estão sempre criando, ao mesmo tempo, ordem e desordem, expansão e crise, paz e guerra. E as potências que uma vez ocupam a posição de liderança não desaparecem, nem são derrotadas por seu “sucessor”. Elas permanecem e tendem a se fundir com as forças ascendentes, criando blocos cada vez mais poderosos de poder, como aconteceu, por exemplo, no caso da Holanda, Grã Bretanha e Estados Unidos que, na verdade, foram alargando sucessivamente as fronteiras do poder anglo-saxônico. Além disso, neste sistema interestatal capitalista em que vivemos, crises econômicas e guerras não são, necessariamente, um anúncio do “fim” ou do “colapso” dos estados e das economias envolvidas. Pelo contrário, na maioria das vezes, fazem parte de um mecanismo essencial da acumulação do poder e da riqueza dos estados envolvidos dentro do sistema interestatal capitalista. Agora bem, do meu ponto de vista, as crises e guerras que estão em curso neste início do século XXI ainda fazem parte de uma transformação estrutural, de longo prazo, que começou na década de 1970 e que aponta, neste momento, para um aumento da “pressão competitiva” mundial e para uma nova “explosão expansiva” do sistema mundial – como a que ocorreu nos longos séculos XVI e XIX –, que contará com um papel decisivo do poder americano.

**IHU On-Line - Como o senhor vê a presença de Obama no poder a partir dessa tese defendida no livro? Algo muda?**

**José Luís Fiori** - Se só nos fixarmos nas pessoas e seus discursos, creio que não haveria muito que esperar de novo da política externa do governo Obama. As figuras centrais que estão no comando

da política externa, como no caso da política econômica, são conhecidos que já governaram durante os oito anos da administração Clinton que promoveu cerca de 48 intervenções militares ao redor do mundo, ao contrário do que se imagina que foi a década de 1990. Por outro lado, os programas de campanha da senhora Hillary, como o do próprio Obama, foram explicitamente intervencionistas e comprometidos com a manutenção do poder global dos EUA. Porque não podemos esquecer que os Estados Unidos têm uma infraestrutura global de poder militar pela qual devem zelar, seja qual for o seu governo. São os seus acordos militares com cerca de 130 países, são suas 700 bases militares situadas ao redor de todo o mundo e são finalmente seus mais de meio milhão de soldados servindo ou lutando fora do território americano. Os EUA devem enfrentar dificuldades e contradições crescentes para administrar este poder global, mas não há a menor possibilidade de que os americanos recuem e abandonem estas posições de poder, por sua própria conta, com ou sem Barak Obama.

**IHU On-Line - A partir da crise financeira atual, quais os rumos que o senhor vislumbra para a América do Sul e o Brasil?**

**José Luís Fiori** - Esta crise econômica deve produzir um aumento dos conflitos entre os próprios estados da região, e deles com os Estados Unidos. Já não há possibilidade de escapar da pressão competitiva mundial, e isto acelera a formação objetiva e incontornável de um subsistema estatal no continente sul-americano, potencializando o poder interno e externo dos seus estados. E, neste sentido, a integração econômica do continente seguirá sendo um desafio absolutamente original, porque suas economias não são complementares, porque não existe um país que cumpra o papel de “locomotiva” da região, e porque a América do Sul não tem um inimigo externo comum. De qualquer maneira, do meu ponto de vista, a longa “adolescência assistida” da América do Sul acabou. E o mais provável é que esta mudança provoque, no médio prazo, uma com-

petição cada vez mais intensa entre o Brasil e os Estados Unidos, pela supremacia na América do Sul.

**IHU On-Line - O senhor pensa que a crise atual sinaliza que nos encontramos diante do fim do capitalismo, pelo menos da forma como o conhecemos?**

**José Luís Fiori** - Não, do meu ponto de vista não se trata do fim do capitalismo, nem do sistema interestatal. Não há nenhum sinal disso. A origem desse sistema mundial que nasce na Europa e é ganhador impõe sua supremacia ao mundo, nas suas formas básicas de organização do poder como estado e da economia como capitalista. Vitória estrondosa que nasce na Europa nos séculos XII a XIV até o aparecimento das economias nacionais no fim do século XVI. Fernand Braudel<sup>1</sup> sugere que é preciso subir ao sótão para ver as relações do príncipe com o banqueiro. O sistema mundial que nasceu na Europa se assemelha mais a um universo em expansão contínua do que a uma sucessão de ciclos vitais ou biológicos. Como se este sistema acumulasse energia e se expandisse de forma contínua desde o século XIII, passando por momentos de explosão expansiva, como no século XVI, XIX e agora de novo, neste início do século XXI.

**IHU On-Line - No contexto atual, qual é, em sua opinião, o novo papel dos EUA, da China, da Rússia, e de países da Ásia Central, da África e da América do Sul?**

**José Luís Fiori** - Como já disse, apesar da violência desta crise financeira, e dos seus efeitos em cadeia sobre a economia mundial, não deverá haver uma “sucessão chinesa” na liderança política e militar do sistema mundial. Pelo contrário, do ponto de vista estritamente econômico, o mais provável é que ocorra um aprofundamento da fusão financeira em curso desde a década de 1990, entre a China e os Estados Unidos. Assim mesmo, do ponto de vista geopolítico, acho que o que as-

sistiremos nas próximas décadas, será uma competição intensa dentro de um “núcleo central” do Sistema Mundial constituído pelos Estados Unidos, pela China, e pela Rússia, essa graças à suas reservas energéticas, ao seu arsenal atômico, e ao tamanho das suas perdas territoriais e populacionais depois de 1991. Se for assim, se estará constituindo um novo “núcleo central” do sistema mundial composto por três

**“Nada do que está acontecendo tem a ver com qualquer tipo de vitória ou derrota teórica. Trata-se de uma reação emergencial e pragmática frente à ameaça de colapso do poder dos estados e dos bancos, e como consequência, dos sistemas de produção e emprego”**

“estados continentais”, que detém isoladamente um quarto da superfície da terra, e mais de um terço da população mundial. Nesta nova “geopolítica das nações”, a União Européia terá um papel secundário, ao lado dos Estados Unidos, enquanto não dispuser de um poder unificado, com capacidade de iniciativa estratégica autônoma. E a Índia, Irã, Brasil e África do Sul de-

verão aumentar o seu poder regional, em escalas diferentes, mas não serão poderes globais, ainda por muito tempo. Mas é muito difícil de prever os caminhos do futuro, depois da era imperialista em que estamos submersos.

**IHU On-Line - Quais as previsões que o senhor faz, de forma geral, a partir da crise financeira atual?**

**José Luís Fiori** - Do meu ponto de vista, os economistas e as autoridades governamentais americanas, e de todo o mundo, estão num voo cego, mesmo quando não o reconhecem, ou não possam reconhecê-lo. No meio desta confusão, acho que só existem três coisas que podem ser afirmadas com algum grau de certeza: a primeira é que, faça o que faça, o governo americano será absolutamente decisivo para a evolução da crise em todo mundo; a segunda é de que, neste momento, todos os governos envolvidos estão fazendo a mesma aposta e adotando as mesmas estratégias monetárias e fiscais, e aprovando “pacotes” sucessivos (e até agora impotentes) de ajuda à estabilização e reativação do sistema financeiro e de estímulo à produção e ao emprego, junto um aumento generalizado – mas ainda disfarçado – das barreiras protecionistas. E todos os governos estão se propondo aumentar o rigor da regulação dos seus e agentes e mercados financeiros; e a terceira coisa que se pode afirmar com toda certeza é que ninguém, absolutamente ninguém, sabe se estas políticas darão certo.

**IHU On-Line - Como o senhor analisa aqui a questão desta volta da intervenção do Estado na economia? Considera que foi uma vitória do keynesianismo e uma derrota definitiva das ideias neoliberais?**

**José Luís Fiori** - Nada do que está acontecendo tem a ver com qualquer tipo de vitória ou derrota teórica. Trata-se de uma reação emergencial e pragmática frente à ameaça de colapso do poder dos estados e dos bancos, e, como consequência, dos sistemas de produção e emprego. Foi uma mudança de rumo inesperada e inevitável, que foi imposta pela força dos fatos,

<sup>1</sup> Fernand Braudel (1902-1985): historiador francês e um dos mais importantes representantes da chamada “Escola dos Annales”. (Nota da IHU On-Line)

independente da ideologia econômica dos governantes que estão aplicando as novas políticas e que, na sua maioria, ainda eram ortodoxos e liberais até anteontem. É como se estivéssemos assistindo à versão invertida da famosa frase da senhora Thatcher: “there is no alternative”. Só que agora, do meu ponto de vista, esta nova convergência aconteceu sem maiores discussões teóricas ou ideológicas e sem nenhum entusiasmo político, ao contrário do que aconteceu com a “virada” liberal-conservadora dos anos 1980, 1990, que atravessou todos os países e todos os planos da vida social e econômica. A ideologia econômica liberal não previu e não consegue explicar a crise que ela provocou e, como consequência, não tem nada para dizer, nem propor neste momento. Por isso mesmo, as ideias ortodoxas e liberais saíram do primeiro plano, mas não morreram, nem desapareceram. Pelo contrário, permanecem atuantes em todas as frentes e trincheiras de resistência às políticas estatizantes que estão em curso. Uma resistência que tem crescido a cada hora que passa, dentro e fora dos EUA. Mas, por outro lado, os keynesianos também não têm uma teoria capaz de dar conta da complexidade desta nova situação mundial. O problema é que, na maioria das vezes, os keynesianos têm uma enorme dificuldade de tratar com os interesses e as lutas do mundo real. E compartilham com os liberais uma espécie de “erro inverso”: os liberais acreditam na possibilidade e na eficácia da eliminação do poder político e do estado do mundo dos mercados, enquanto os keynesianos acreditam na possibilidade e na eficácia da intervenção corretiva do estado no mundo econômico. Mas estão sempre imaginando um estado homogêneo e onisciente, capaz de formular políticas econômicas sábias, justas e eficazes, desde que não sejam “atrapalhadas” pelo mundo real. Ou seja, em última instância, ortodoxos e keynesianos compartilham a mesma dificuldade de entender e incluir nos seus modelos, projeções e recomendações, as contradições e as lutas políticas próprias do mundo econômico.

## Brasil em Foco

### Desglobalização para uma nova economia mundial

Para o economista filipino Walden Bello, os próximos anos verão um reverso da globalização

POR GRAZIELA WOLFART | FOTO DIVULGAÇÃO

“Talvez nenhuma imagem seja mais evocativa do atual estado da economia global que aquela do U-Boat alemão da Segunda Guerra no Atlântico Norte. Ele descia rápido, e a tripulação não sabia quando ele atingiria o fundo. E, quando ele atingir o fundo do oceano, a tripulação será capaz de fazer o submarino subir novamente bombeando ar comprimido nos tanques danificados, como os marinheiros no clássico de Wolfgang Petersen *Das boot?* Ou o U-Boat irá simplesmente ficar no fundo do oceano, com sua tripulação condenada a contemplar pior destino que a morte súbita? Os métodos keynesianos reinflarão e farão flutuar novamente a economia global? A verdade é que a atual tripulação capitalista da economia global não sabe e está apavorada”, avalia o sociólogo filipino em entrevista, feita por e-mail, à IHU On-Line.



Walden Bello é professor na Universidade das Filipinas, em Manila, membro do Transnational Institute de Amsterdã, presidente da Freedom from Debt Coalition e analista sênior do Focus on the Global South, com sede em Bangkok, Tailândia. Ele é doutor em Sociologia, pela Universidade de Princeton, EUA, tendo lecionado na Universidade da Califórnia e Berkeley. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Qual é a tese central defendida pelo senhor no livro *Desglobalização: Ideias para uma Nova Economia Mundial*?**

**Walden Bello** - A principal ideia é que a globalização — a integração acelerada da produção e dos mercados — está levando a uma desintegração das economias nacionais, deixando as sociedades com cada vez menos controle sobre seu bem-estar econômico e sobre seu futuro. Com mercadorias e mercados de capitais mais integrados, a habilidade das

economias nacionais de se isolarem dos caprichos da economia global é muito menor, de modo que quando há uma quebra das economias centrais, outras economias também seguem em espiral descendente, o que é, na verdade, o que está acontecendo agora.

**IHU On-Line - O que o senhor entende por “desglobalização”? Chegamos ao fim ou, pelo menos, estamos vivendo uma crise da era da**

**globalização?**

**Walden Bello** - Desglobalização significa fazer o mercado doméstico novamente ser o centro de gravidade da vida econômica, não o mercado global. Isso não significa autarquia ou retração da economia internacional. Significa que produzir para o mercado doméstico, não para o mercado de exportação, mais uma vez se torna a linha de corte e força motriz da economia. Significa aumentar capital para a produção da economia local, por exemplo, por aumento de impostos, em vez de recorrer principalmente a empréstimos nos mercados internacionais de capital. Significa revitalizar a economia interna para que ela seja o sustentáculo da economia, criando poder de compra através da redistribuição de renda e riquezas.

**IHU On-Line** - Que ideias o senhor sugere para uma possível nova economia mundial? O que deveria fazer parte desta nova economia global? Um Estado com mais controle da economia, por exemplo?

**Walden Bello** - Ainda que deva haver acordos econômicos internacionais sobre comércio, finanças e ajuda, não devem haver instituições centralizadas de governança econômica global como o Banco Mundial, Organização Mundial do Comércio e o Fundo Monetário Internacional, uma vez que essas instituições centralizadoras com incríveis poderes são inevitavelmente dominadas pelas economias mais poderosas. Comércio regional e cooperação deveriam se tornar a via principal da atividade econômica internacional, com as regiões estabelecendo seus próprios reguladores financeiros e desenvolvendo órgãos financeiros como o Banco do Sul, na América Latina. O livre comércio deveria ser suplantado pelo comércio de gestão — ou seja, comércio que é condicionado por prioridades econômicas nacionais como desenvolvimento sustentável ou industrialização sustentável.

**IHU On-Line** - Como podemos entender a eclosão da atual crise financeira internacional, pela primeira vez, desde a “era de ouro” da globaliza-

**“Não há a menor possibilidade de que os americanos recuem e abandonem estas posições de poder, por sua própria conta, com ou sem Barak Obama”**

**ção? O que isso significa e quais são as consequências?**

**Walden Bello** - A era atual é conhecida como a segunda era da globalização, e começou no início dos anos 1980 e se estende até hoje. O impulso das políticas nacionais, durante essa era, foi deixar o mercado tomar o papel principal na alocação do uso de recursos e na distribuição de riqueza, e minimizar a intervenção do governo e acabar com as restrições sobre o fluxo de comércio e capital. Liberalização e desregulamentação se seguiram como uma doutrina, levando ao fracasso massivo de mercados que estamos experimentando hoje. É importante notar que, enquanto a falta de regulação na esfera financeira é a causa imediata da crise, é a superprodução no nível da economia real a derradeira causa. Quero dizer que

**“Os economistas e as autoridades governamentais americanas, e de todo o mundo, estão num voo cego, mesmo quando não o reconhecem, ou não possam reconhecê-lo”**

as políticas de desregulamentação financeira, a reestruturação neoliberal e a globalização foram esforços para a superação da crise de super-acumulação, superprodução e o excesso de capacidade que importunou o capitalismo global desde o início dos anos 70, quando a “era de ouro” do capitalismo keynesiano e interventor do estado chegou ao fim.

**IHU On-Line** - Quais as consequências mais graves da crise financeira internacional? Algo pior ainda está por vir ou o pior já passou?

**Walden Bello** - Bem, a crise financeira já se espalhou para a economia real muito, muito rapidamente, e a economia internacional está se contraindo muito rápido, e os motivos vão da recusa dos bancos de emprestar dinheiro para manter as indústrias funcionando à perda de poder aquisitivo, devido à falência do consumidor norte-americano, cujos gastos sustentaram a economia internacional ao longo dos últimos anos. O pior está por vir. Espero uma depressão, com altos níveis de desemprego no Norte, possivelmente atingindo 15% da força de trabalho. No Sul, as condições de subdesenvolvimento, incluindo altos níveis de desemprego, devem ser exacerbadas. No entanto, sob alguns aspectos, a crise no Sul deve ser menos severa que no Norte. Por exemplo, trabalhadores demitidos podem voltar à zona rural e às fazendas — uma opção não possível no Norte, onde a agricultura se tornou altamente monopolizada e de capital intensivo.

**IHU On-Line** - Quais são os riscos da queda mundial do Produto Interno Bruto (PIB)?

**Walden Bello** - Bem, o FMI já estima que o PIB internacional cairá este ano em 2,5%, a primeira vez no pós-Segunda Guerra que o PIB global se contrai. Penso que, como em várias outras coisas, o FMI está subestimando o colapso do PIB global nos próximos anos.

**IHU On-Line** - Em que medida a atual crise tem afetado a integração dos mercados internacionais?

**Walden Bello** - Bem, eu antecipei que

o processo de globalização ou integração da produção e dos mercados se inverterá como colapso de mercados e as autoridades irão se voltar mais e mais para o foco na produção nacional para o mercado local. As cadeias de fornecimento global, que se tornaram marca das operações das corporações transnacionais, serão desmanteladas.

**IHU On-Line - Qual deveria ser o papel do G20, no sentido de realizar uma coordenação global diante da crise?**

**Walden Bello** - O G20 é um organismo informal dos países poderosos com pouca legitimidade. Sem legitimidade, suas prescrições ecoarão no vazio. O único órgão com legitimidade dada pelos 192 países do mundo é a ONU, e as agências da ONU devem tomar o papel principal na formulação de uma resposta à crise. A Comissão da Reforma Monetária e Financeira indicada pelo presidente da assembléia geral e encabeçada pelo ganhador do Nobel Joseph Stiglitz já escreveu seu relatório preliminar. Esse relatório pode ser a base de uma Sessão Especial da ONU que irá unir todos os países frente à crise. Inclusão é o necessário neste estágio, mas ainda assim o G20 tenta muito ser um clube exclusivo.

**IHU On-Line - Quais são os países mais afetados pela crise com relação à exportação? Como o senhor imagina que o Brasil e a América Latina podem se beneficiar agora, considerando seus recursos naturais?**

**Walden Bello** - A Ásia oriental, por ter levado mais a sério a estratégia de crescimento liderado pela exportação, irá sofrer muito, mais do que possam sofrer outras regiões. O Brasil e outros países na América Latina têm enormes mercados internos, mas esse mercado interno deve mudar de potencial para real via redistribuição de propriedade e renda para colocar poder aquisitivo nas mãos da população.

**IHU On-Line - Como o senhor avalia as decisões de política econômica que os governos do mundo todo têm tomado? É o momento de retrain?**

**Walden Bello** - As grandes potências

**“É tudo show, e o que o show mascara é uma profunda preocupação e medo entre as elites globais de que elas realmente não saibam para onde vai a economia mundial e o que será necessário para estabilizá-la”**

econômicas, ou G20, estão fazendo um grande show dessas reuniões para se familiarizarem com a crise econômica global. E é isso que acontece com a reunião em Londres no dia 2 de abril.<sup>1</sup> É tudo show, e o que o show mascara é uma profunda preocupação e medo entre as elites globais de que elas realmente não saibam para onde vai a economia mundial e o que será

**“Ortodoxos e keynesianos compartilham a mesma dificuldade de entender e incluir nos seus modelos, projeções e recomendações, as contradições e as lutas políticas próprias do mundo econômico”**

<sup>1</sup> A entrevista foi feita antes da reunião do G20, em Londres, no dia 02-04-2009. (Nota da IHU On-Line)

necessário para estabilizá-la. Com as últimas estatísticas excedendo as avaliações mais pessimistas, com os principais analistas começando a mencionar a temida palavra com “D” (depressão), com a disseminação do sentimento de que trilhões de dólares alocados para o estímulo ao gasto sejam simplesmente varridos por uma tempestade que está recém criando velocidade, o G20 está simplesmente indo com a maré.

Talvez nenhuma imagem seja mais evocativa do atual estado da economia global que aquela do U-Boat alemão da Segunda Guerra no Atlântico Norte. Ele descia rápido, e a tripulação não sabia quando ele atingiria o fundo. E, quando ele atingir o fundo do oceano, a tripulação será capaz de fazer o submarino subir novamente bombeando ar comprimido nos tanques danificados, como os marinheiros no clássico de Wolfgang Petersen *Das boot?*<sup>2</sup> Ou o U-Boat irá simplesmente ficar no fundo do oceano, com sua tripulação condenada a contemplar pior destino que a morte súbita? Os métodos keynesianos reinflarão e farão flutuar novamente a economia global? A verdade é que a atual tripulação capitalista da economia global não sabe e está apavorada.

A reunião do G20 tem sido exibida como uma nova Bretton Woods, se referindo à conferência de julho de 1944 que designou a ordem multilateral do pós-guerra dos estados capitalistas estatizados. Mas, como diz Marx, a história se repete primeiro como tragédia, depois como farsa.

**IHU On-Line - Considerando a crise nos fluxos de investimento, quais os rumos que a globalização vai tomar? O senhor acredita que os próximos anos serão “anos de desglobalização”?**

**Walden Bello** - Sim, os próximos anos verão um reverso da globalização enquanto os países se dão conta de que retomar a integridade das economias nacionais é a melhor maneira de assegurar o bem-estar nacional.

<sup>2</sup> *O barco - Inferno no mar*, filme de 1981. (Nota da IHU On-Line)

## Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

**Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)) de 30-03-2009 a 04-04-2009.**

**Um dia de luta**

**Entrevista com Antonio Carlos Spis**

**Confira nas Notícias do Dia 30-03-2009**

As mobilizações programadas para a última segunda-feira, dia 30-03-2009, objetivava chamar a atenção da sociedade e do governo e salientar que não são os trabalhadores e trabalhadoras que devem pagar os custos da crise financeira.

**Povos indígenas do Mato Grosso do Sul: a luta está cada vez mais difícil**

**Entrevista com Antonio Brand**

**Confira nas Notícias do Dia 31-03-2009**

Uma luta de décadas está cada vez mais difícil para os povos indígenas do Mato Grosso do Sul em relação à demarcação de suas terras. Para o professor Antonio Brand, “os povos indígenas reivindicam espaços de terras muito pequenos que, em hipótese alguma, vão desestabilizar a economia do estado ou inviabilizar o agronegócio”.

**O arroz transgênico da Bayer em debate. O Brasil vetará?**

**Entrevista com Gabriel Fernandes**

**Confira nas Notícias do Dia 01-04-2009**

O agrônomo comenta a decisão da Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio), que vetou o cultivo do arroz transgênico da Bayer, no país. Para ele, a decisão foi uma surpresa. “É de se esperar agora que a CTNBio fique menos à vontade para liberar o produto”, afirmou.

**“A sobrevivência cultural do povo Kaiowá-Guarani está em jogo no MS”**

**Entrevista com Egon Heck**

**Confira nas Notícias do Dia 02-04-2009**

Apesar das condicionantes impostas em relação ao Território Indígena Raposa Serra do Sol influenciarem na luta e no processo dos povos indígenas de Mato Grosso do Sul, há “possibilidades de que os processos prossigam e haja uma coerência da decisão política do governo federal em levar adiante o processo de identificação das áreas”, afirmou o coordenador do CIMI-MS.

**Brasil: um país cheio de energia. Mas qual é o destino de toda essa energia?**

**Entrevista com Célio Bermann**

**Confira nas Notícias do Dia 03-04-2009**

O Plano Decenal de Energia precisa “necessariamente rever os seus paradigmas”, uma vez que foi criado num contexto em que a crise financeira mundial não existia e, também, porque não deixa claro o destino de toda a energia programada, avalia especialista nesta entrevista.

**“A escola itinerante vai aonde está o povo, se desloca e acompanha a luta”**

**Entrevista com Isabela Camini**

**Confira nas Notícias do Dia 04-04-2009**

“Devemos construir a escola onde as crianças gostem de estar e não tenham medo de serem excluídas”, afirma pesquisadora da tese de doutorado, recém-defendida, Escola Itinerante dos Acampamentos do MST – Um contraponto à escola capitalista?

**Leia as  
Notícias do Dia em  
[www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)**



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# C.

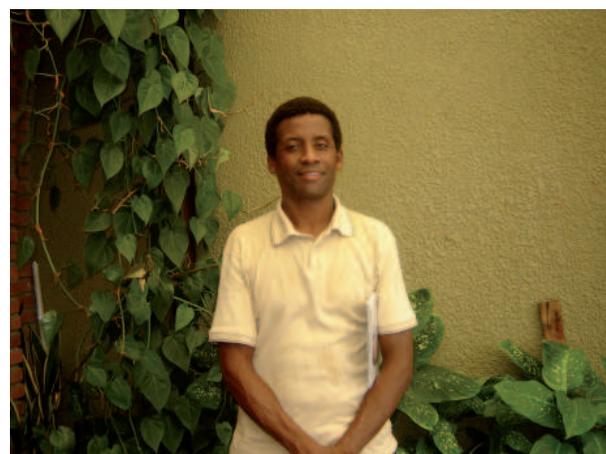
## IHU em Revista

# Perfil Popular

## Nelson da Silva

POR GRAZIELA WOLFART | FOTO GRAZIELA WOLFART

“**E**u sou uma pessoa que gosta de batalhar.” Assim se define o entregador de revistas Nelson da Silva, de 49 anos. A entrevista que segue é fruto de um agradável bate-papo que nossa redação teve com este trabalhador porto-alegrense, que é pai de, nada mais, nada menos, 11 filhos. O interessante é que não são todos filhos da mesma mulher, mas das duas namoradas que Nelson teve paralelamente durante boa parte de sua vida. Realmente, é preciso suar a camisa para sustentar uma prole destas. Quer saber mais sobre essa história de vida? Leia o perfil popular desta semana:



A entrada no mundo do trabalho começou cedo, aos 16 anos. Para ajudar a família, Nelson da Silva, natural de Porto Alegre, começou a trabalhar e não parou mais, até hoje. Seu primeiro emprego foi na Loteria Esportiva, onde preenchia cartões da Loto. “A gente era entre cinco lá em casa: o pai, a mãe, minhas irmãs e eu, o mais novo. Meu pai era estofador e a mãe cuidava da casa. Fui crescendo e tive que parar com os estudos no primeiro ano do segundo grau para enfrentar o mundo”, conta, ao lembrar-se das dificuldades. Paralelamente a essa atividade, Nelson começou a jogar futebol, alcançando até a categoria juvenil do time do Cruzeiro, mas não recebia salário. Estava com 19 anos e tirava seu sustento do emprego na loteria esportiva, onde trabalhava até as 2 horas da manhã.

Quando completou 21 anos, seu

presente de aniversário foi o nascimento da primeira filha. “Sabe como são essas coisas, a gente namora e acontece”, tenta explicar. Nelson teve que largar o futebol definitivamente e, na época, ele já jogava no time profissional do São José. Foi nesse período que alguns amigos o levaram para o ramo de entregas, em 1983, onde atua até hoje. “Como eu sempre gostei de me relacionar com as pessoas, me apaixonei pelo serviço de rua. Fui conhecendo muita gente, donos de restaurantes, pessoas que sempre me ajudaram”, relata. No começo, Nelson entregava documentos de bancos, como boletos, o que fez durante oito anos. Sempre trabalhou em empresas particulares que fazem entregas, como funcionário efetivo. Hoje, ele entrega revistas da Editora Abril, como funcionário da Sul Express, que é a empresa responsável pela distribuição destas

publicações em Porto Alegre. Nelson geralmente faz a entrega de bicicleta e, às vezes, a pé. No dia da entrevista ele estava a pé, pois a bicicleta estava no conserto.

### Um pai de duas mãos cheias

Hoje, a filha mais velha de Nelson, Zuleica, tem 25 anos. “Mas agora vem o melhor a festa”, avisa, ao anunciar que contará sua trajetória como pai. Ao todo, Nelson tem 11 filhos. E ele respira fundo para explicar. “Quando eu estava jogando no Juvenil, do Cruzeiro, tinha 19 anos e tive essa namorada, que é a mãe da Zuleica. Mas eu também fazia um trabalho de DJ na minha comunidade, a Vila Jardim, em Porto Alegre, onde moro até hoje. E sabe que as guriazinhas vêm, né? Então passei a ter duas namoradas, ao mesmo tempo. E ficava pai de duas

crianças por ano, uma de cada mulher, com meses de diferença”. A dúvida é: as duas sabiam? E Nelson, bem tranquilo, responde “sabiam, sim, tudo certo”. E ele continua: “Mas o pior tu não sabe, tem mais ainda. Elas é que não queriam me largar. A minha mãe dizia que não era certo eu ter duas mulheres e ter filhas com elas, mas eu não ia abandonar nenhuma e elas também queriam continuar comigo”. As duas queriam lhe dar um filho homem. E foi aí que Nelson decidiu: a que lhe desse o filho homem primeiro seria a escolhida para tê-lo com exclusividade. O problema é que o filho homem não chegava. As duas continuavam engravidando de Nelson na tentativa de lhe dar um menino e só nasciam meninas. Nelson já tinha seis filhas mulheres, três de cada namorada. Ele mantinha duas casas, duas famílias. “Nunca abandonei nenhuma das duas. Era pesado, mas eu trabalhava bastante”. Antes de continuar a sua história, Nelson avisou: “O mais incrível é o que eu vou contar agora, e tu vai gostar. As duas estavam grávidas pela quarta vez. Quando uma delas foi ganhar, nasceu um menino. Três meses depois a outra foi ganhar e também nasceu menino, no mesmo ano. Os dois são um a cara do outro. Ninguém diz que são de mães diferentes, de tão igualzinho que eles são”, explica, todo orgulhoso. Ficou tudo empatado novamente, afinal as duas namoradas tinham cumprido a promessa de dar a Nelson um filho homem. No entanto, uma delas, pertencente a uma igreja evangélica, decidiu que aquela situação não lhe servia mais, não era correta. E ela largou Nelson, que ficou com uma namorada apenas. Mas o entregador nunca deixou de visitar os filhos dessa namorada que deixou dele. Com a mulher com quem ele passou a viver, teve mais duas meninas, depois do filho homem, totalizando seis crianças. “E agora estou casado há cinco anos com essa que é da igreja. Voltei para ela, porque no fim das contas eu escolhi que ela é a melhor pessoa pra mim”, justifica. “Casamos porque ela é da religião evangélica e não podia ser só juntado”. Antes de casar, Nelson teve mais um menino com a atual

esposa. E hoje ele se declara feliz. “A gente se entende melhor, tem mais sintonia”. Mesmo assim, o contato com todos os filhos permanece o mesmo. Nelson paga pensão para aqueles que não moram com ele e almoça com toda a turma frequentemente. “Ficou tudo numa boa”, garante.

Perguntado sobre o que sempre ensinou aos filhos, Nelson destaca a importância do estudo. “Eu proibi meus filhos de rodar de ano na escola. Crio eles que nem eu fui criado. Rodar não tem nem cabimento. Nenhum deles até hoje rodou e alguns até já terminaram os estudos. A minha luta eles sabem e me respeitam por isso. A gente conversa muito e eles têm orgulho do pai. No Dia dos Pais eu saio com todos eles para almoçar. E provo para as pessoas que é possível criar tantos filhos hoje em dia se a gente tiver cabeça”.

Sobre os momentos mais marcantes da sua vida, Nelson recorda a perda do pai, aos 18 anos, e a recente perda da sua avó, falecida aos 100 anos de idade, há três meses. As experiências de fé e de contato com Deus que Nelson tem ele aprendeu com essa avó, que o levava para a igreja e ensinava coisas que ele já passou para os filhos. Entre esses ensinamentos, Nelson se lembra de um com carinho: “Tudo o que tu tiver conquistado, agradece a Deus. E tudo o que tu perder, também agradece, porque sempre pode ser pior”. Foi assim que Nelson aprendeu a nunca reclamar de nada na vida, pois sabe que pode ser pior.

A recomendação de Nelson para as filhas mais velhas é a seguinte: “Crie seus filhos como eu criei vocês e como eu fui criado”. Ele conta isso porque confessa estar decepcionado com as famílias hoje. “O que os filhos estão fazendo com os pais hoje em dia me dá uma ânsia. A culpa é das mães, principalmente, que passam muito a mão por cima, tem peninha. Vejo todos os dias que a família está em extinção. Por isso que eu não dei chance dos meus filhos me decepcionarem. Eu larguei na frente. E aviso minhas filhas ‘olha as amigas de vocês, sendo mãe aos 15 anos, não vão viver. Eu não criei vocês pra isso’. Uma está namorando, mas elas não pegam qualquer



um. Eu sou homem e sei que os guris só querem usar pra falar na esquina depois”.

O grande sonho da vida de Nelson é conhecer o Rio de Janeiro. “Desde criança, eu ficava vendo nas novelas, as paisagens bonitas do Rio. E um dia eu vou realizar esse sonho. Parece uma bobagem, né?”, pergunta ele. Nas horas de folga, o lazer de Nelson é jogar futebol com os vizinhos da Vila onde mora, aos finais de semana, para relaxar.

Sobre a política brasileira e internacional, Nelson tem a seguinte opinião: “A política todo mundo sabe como é que está, basta ter um pouquinho de cultura. O que me deixou bem feliz na política é que o Lula abriu as portas para as pessoas olharem com mais respeito para as classes populares. Ele mostrou que é possível uma pessoa de classe baixa chegar à presidência da república. A mesma coisa foi agora com o Obama, nos Estados Unidos, que também abriu os olhos de muita gente, o que me deu alegria”.

## IHU Repórter

## Guacira Loreliz Motta e Silva Kessler

POR BRUNA QUADROS E GRAZIELA WOLFART | FOTOS ARQUIVO PESSOAL

“Sou realizada e feliz por ter tido a sorte de escolher uma atividade que eu realmente amo. Embora pareça que eu esteja trabalhando muito, eu nunca me sinto assim, porque adoro ensinar.” É assim que se define a professora Guacira Loreliz Motta e Silva Kessler, ex-docente de língua inglesa no Instituto de Idiomas Unilínguas, da Unisinos. Na conversa que teve com a redação da IHU On-Line, ela abre seu “livro de memórias” e conta a nossos leitores e leitoras trechos marcantes de sua trajetória, além de falar sobre suas preferências. Saiba um pouco mais sobre a mãe de Rafael, Mariana e Martha.



**Origens e infância** - Nasci em Porto Alegre, mas moro em São Leopoldo desde 1972. Meu pai, falecido no ano passado, foi vendedor de produtos da Atlantic, uma companhia de petróleo americana. E minha mãe era dona de casa, uma mulher muito dinâmica. No sítio do meu avô, ela desenvolveu um tambo de leite, um arvoredo e um aviário. O que eu levo de exemplo dos meus pais é honestidade e comprometimento. Como meu pai se chamava Luiz e minha mãe Lorena, meu nome ficou Loreliz. Tenho uma irmã, que é um ano e meio mais moça do que eu, a Léssie, nome escolhido pela minha avó. Minha infância foi muito boa. Íamos para esse sítio do meu avô que mencionei, e lá a gente pescava, andava no mato, olhava as cobras, fazia roupinha de boneca e jogava jogos com nossos pais à noite. Era muito bonito.

**Formação** - Sempre gostei de estudar. Fui até presidente do Grêmio Estudantil do Colégio Americano, onde

iniciei minha formação. Depois estudei no Colégio Aplicação, onde fiz o Curso Clássico. Então, quando tinha 18 anos, fui morar por um ano nos Estados Unidos, onde concluí o terceiro ano. Com o diploma na mão, ingressei na UFRGS para fazer a faculdade de Letras. Na Unisinos, fiz especialização em Línguas Estrangeiras.

**Trabalho** - Aos 19 anos, quando voltei dos Estados Unidos, já comecei a trabalhar, dando aulas de inglês no Yázigi, em Porto Alegre, durante 15 anos. Depois vim para São Leopoldo. Comecei, então, a dar aulas no Colégio Sinodal, onde também trabalhei por 15 anos. Certo dia, recebi a proposta de um colega professor, que estava envolvido na fundação do Instituto Unilínguas, aqui na Unisinos. Foi quando entrei na universidade, onde fiquei por 12 anos.

**Casamento e família** - Conheci o meu marido, Sérgio, e casei aos 23

anos. Ele é engenheiro metalúrgico, formado nos Estados Unidos. Temos três filhos. O Rafael tem 40, a Mariana tem 39, e a Martha tem 29. E eles já nos deram quatro netos: o Gabriel e a Laila moram em São Paulo, na cidade de Lins, são filhos da Mariana e têm 12 e 8 anos respectivamente. Aqui em Porto Alegre têm os filhos do Rafael; a Cacá tem 10 e o Felipe, 8 anos. A família é o que traz a harmonia para a nossa vida.

**Sofrimento e lição de vida** - Num determinado período de nossas vidas, após uma tentativa do meu marido de abrir um negócio próprio fomos morar em Passo Fundo-RS, durante cinco anos. Foi um período difícil, pois não deu certo e perdemos tudo o que havíamos adquirido até então, do ponto de vista material. Eu achei que não podia estar pior. Foi quando minha filha mais nova, com quatro anos de idade, apareceu com um câncer no cérebro. Foi horrível, mas ela se recuperou. E o que